

Segunda Parte

A questão do criminoso nato, do seu typo e da sua interpretação

Em vez de se limitar ao estudo do crime, como faziam os criminalistas anteriores, Lombroso estudou o criminoso, iniciando assim uma sciencia nova, a *Anthropologia criminal*.

Nesta sciencia breve se differenciaram certas partes, o typo e a interpretação do criminoso nato, por obra do seu iniciador, as classes e os factores do mesmo, pela collaboração de Ferri.

Si o estudo do typo criminoso e o da sua explicação scientifica, porem, são proprios da anthropologia (criminal), essa bandeira de retalhos scientificos, qualquer que seja a sua orientação, de que um dos pannos, é sociologico, certos factores da criminalidade e classes criminosas consequentes, são mais do dominio da *sociologia criminal* que Ferri suggeriu. Outros persistem na *Criminologia* como Garofalo, ou na *Penalogia e Politica criminal* como

Liszt, ou mesmo no velho *direito penal* como Prins. Pouco importa assim o nome da materia que vamos afflorar.

Typo criminoso e suas variedades ou classes

O typo criminoso porem ainda é uma cousa indeterminada, imprecisa, vaga.

Para Lombroso que laboriosamente o architectou era uma cousa una, constituida por caracteres diversos: *anatomicos*, de asymetrias craneal e facial, região occipital predominante sobre a frontal, que é fugidia com proeminencia dos seus seios, fortes arcadas superciliares zygomas e mandibulas, alem do prognathismo; *physiologicos*, que são analgesia (insensibilidade) e disvulnerabilidade (restauração ou regeneração espontanea), mancinismo (canhotismo) e ambidextria; *psychologicos*, de tacto embotado, olfacto e paladar obtusos, visão e audição ora fortes ora fracos, falta de actividade e de inibição; e *sociologicos*, principalmente a tatuagem; mas acossado pelos adversarios entrincheira-se atraz da analgesia que fica o character primordial; e estimulado por Ferri parece restringir o typo criminoso aos criminosos natos, deixando fóra as mais classes que acceita, os loucos, os passionaes e os occasionaes, onde faz entrar a ultima classe, a dos habituaes.

Para Ferri que imputa a Lombroso ter attribuido indistinctamente a todas as classes de criminosos a somma inteira dos caracteres anormaes numa especie de typo abstracto como

o homem medio de Quetelet, o typo criminoso é um conjuncto de anomalias que tem só uma classe de delinquentes, a dos criminosos natos, de modo que é um individuo em que as anomalias ou estigmas atavicos, degenerativos, e pathologicos se encontram em maior numero do que nos individuos (devêra dizer das mais classes criminosas, mas diz) não delinquentes ... formando uma verdadeira *predisposição pessoal* ao delicto que leva ao mesmo ou não conforme as circumstancias mesologicas; donde duas ordens de factores, a hereditariedade da predisposição e as circumstancias mesologicas especialmente as sociaes; e considera caracteres principaes desse typo criminoso, a expressão physiognomica e certos traços onde dominam os olhos e as mandibulas, alem dos caracteres psychologicos, entre os quaes realça a imprevidencia, arraial sobre que Ferri assenta suas baterias contra a theoria da responsabilidade; de modo que esse typo é uno mas restricto ao criminoso nato, ficando fora as outras classes de delinquentes que para Ferri são os loucos, os passionaes, os occasionaes, reconhecidos por Lombroso, e os habituaes que este incorporou nos occasionaes.

Não devêra ser assim porem a sua conclusão porque o criminoso nato já foi por elle caracterisado como uma *predisposição pessoal* para o delicto e na classificação dos criminosos caracteriza cada classe pela mesma predisposição que tem sorte differente apenas, estimulada pela sociedade nos habituaes, simplesmente desperta pelas circumstancias nos occasionaes, ou levada á explosão nos passionaes.

Para Garofalo que julga não se poder de-

terminar um só signal exterior constante que permitta distinguir o criminoso do homem honesto, encontrando-se apenas certos caracteres mais frequentes em uma classe do que em outra, não ha um typo anthropologico mas tres typos physiognomicos do criminoso que são: o *assassino* de olhar frio, olhos algumas vezes injectados labios finos, nariz aquilino ou adunco e volumoso, zygommas espaçados, caninos fortes, tiques e contracções que dão ao rosto uma expressão de ameaça ou de escarneo; o *violento*, de nariz comprido, retorcido ou achatado, zygommas espaçados, rosto comprido e mandibulas excessivas; o *ladrão* de olhos pequenos e vivos, fronte pequena e fugidia, rosto movel, pallido, que não córa; de modo que o typo criminoso é triplo, abrangendo todas as classes de criminosos menos uma que é a dos lascivos ou dissolutos.

Segundo Laurent o criminoso tem nariz disforme e retorcido, orelhas largas em azas, mal orladas, com lobulos enormes, muitas vezes adherentes, olhos estrabicos e principalmente zygommas enormes que dão á face uma apparencia brutal e grosseira e maxillares pesados e prognathas que só parecem proprios para a dentada e a mastigação, alem d'um cráneo muitas vezes mal feito, d'uma cabeça plagiocephala, oxycephala, acrocephala, fronte fugidia, face glabra e asymetrica, cabellos negros e abundantes.

Segundo Marro existem tres categorias de criminosos, cada uma com seus caracteres proprios, que são: 1) productos de causas externas, algumas vezes impulsivos, mas intelligentes, corrigiveis; 2) productos de causas inter-

nas, de rosto grande, com cicatrizes, physignomia feroz, ora fracos de intelligencia, ora intelligentes mas sem senso moral, impulsivos, cynicos, *suicidas*, incorrigibilidade quasi etc; 3) productos de ambas as causas, com malicia precoce, aversão ao trabalho, religiosidade accentuada, corrigibilidade duvidosa etc, de modo que o typo criminoso si existe explicito ou implicito nos caracteres, é ainda triplo.

Afora as contradicções que vão de auctor a auctor nota-se uma harmonia vaga na caracterisação do criminoso pela physiognomia, que Laurent diz ser mais ou menos o espelho d'alma onde se reflectem as virtudes e os vicios, e Dallemagne, a janella incessantemente aberta sobre o inconsciente sempre em harmonia com o nosso fundo affectivo, trahindo os instinctos, revelando involuntariamente e perpetuamente o que ha de mais profundo em nós, de modo que é uma fonte de informações permanentes; e essa physiognomia criminosa é constituida sobretudo pelos zygomias enormes, espaçados, e mandibulas salientes e prognathas. Os mais caracteres harmonicos são psychologicos: insensibilidade, imprevidencia, imprudencia, leviandade, preguiça, vaidade, (tatuagem), vingança, mentira, despudor, ausencia de remorso.

Laurent confirmou esses dados do typo criminoso, na observação dos grandes scelerosados da Roma imperial: Quando visitei o museu do Capitolio em Roma, demorei-me algum tempo a contemplar os bustos dos imperadores romanos:

Tiberio a quem as mulheres de Parthenope chamavam a lama de Caprea, o velho lubrico que unia o crime ao deboche, tem as orelhas

em azas, a face asymetrica, e o maxillar volumoso.

Caligula, o louco sanguinario, tem labios finos, maxillares fortes e asymetricos, o lado esquerdo da fossa zygomatica mais desenvolvido, o que lhe dá a physiognomia uma expressão sinistra, cruel e desconfiada.

Nero, com seu rosto asymetrico, seus grandes maxillares, suas orelhas enormes, ligeiramente affastadas, sua fronte estreita, e o olho estrabico, tem o ar d'um escravo grego debochado.

Juliano, o Apostata, tem a fronte estreita e pequena.

Vitellius tem o nariz grosso os labios finos, as faces inchadas, os olhos pequenos e enterrados, a cabeça um pouco chata como a do porco.

Domiciano tem os labios finos e apertados.

Caracalla tem os olhos contrahidos, o nariz e a bocca pontudos, o ar feroz e louco.

Agrippina tem o rosto magro, ossudo, alongado, o maxillar inferior prognatha.

Messalina, como tambem se pode verificar, no Museu do Louvre... tem labios carnudos e espessos que respiram a volupia, um maxillar volumoso e brutal.

Ao passo que os poetas e oradores são diferentes:

Marco Aurelio tem a fronte alta e o olhar elevado para o ceu. Seu rosto é calmo e docemente meditativo.

Cicero tem a fronte larga, o queixo redondo e todo o rosto d'um oval muito harmonioso.

Antonino, o Piedoso, a fronte descoberta, ar meditaundo e recolhido.

O semblante de Sophocles... apresenta a mesma augusta e serena harmonia (*Habitués*)

A terceira escola ora accceita o typo criminoso mas tornando-o producto da profissão, como fazem Prins, Topinard, Lacassagne, Manouvrier, e Tarde que lhe da como factor tambem a impregnação prolongada em um meio social defeituoso; ou producto da vida em penitenciaria, Gautier; ou de tudo isto e mais alguma cousa, que é a idea de Alimena com seus typos profissional, penitenciario, mimico e emotivo; ora repelle o typo criminoso acreditando apenas na predisposição organica de que falla Ferri. Tal é a idea de Liszt que por causa disto divide os criminosos, por indole (criminalidade chronica), e por momento (criminalidade aguda). Tarde diz tendencias de character e predestinação ao crime, fixo no seu character, mudando o typo com a raça; e divide os criminosos em rusticos e urbanos.

Explicação ou interpretação do criminoso

Para explicar o typo criminoso segundo uns ou os criminosos em seus varios typos segundo outros, tem-se suggerido diversas hypotheses, desde a normalidade biologica de Albrecht, ou social de Durkheim, até a pathologica, passando pela inadaptação juridica, economica, ou social geral, e união da pathologia á inadaptação, acabando pela anomalia moral de Garofalo e a idea equivalente ainda que já abandonada

da reproducção do homem primitivo, com o erro do atavismo, por Lombroso.

Esse atavismo foi a primeira explicação do typo criminoso então abstracto por Lombroso. Quando acossado pelos criticos elle mudou o typo vago para restricto ao criminoso nato, mudou tambem a explicação para epilepsia que é a causa deste criminoso; e ainda ella no estado larvado de epileptoide para explicar o criminoso de occasião; sendo o criminoso louco um semilouco ou hysterico ou alcoolico; mas ladeando tudo do atavismo. Esse atavismo reduzido unicamente ao aspecto psychologico é a explicação ou causa do crime para Colajanni.

A explicação pathologica varia muito. Alem da *epilepsia* em suas varias formas explosiva e larvada, que addicionada ao atavismo satisfazem a Lombroso, existem outras: a *nevrose criminal* de Maudsley, Dally e Ferri; a *neurasthenia* de Benedikt e Liszt; a degenerescencia de Morel, Laurent, Magnan, etc; a falta de nutrição do systema nervoso de Marro; a falta de desenvolvimento dos centros inhibidores de Bonfigli.

A explicação sociologica tambem é multipla: inadaptacção juridica de Vaccaro, economica de Turati; ou complexa, de todos os phenomenos sociaes, de Prins, Lacassagne, Topinard, Manouvrier, Baer, Tarde.

A explicação bio-sociologica é de Ferri, fazendo questão pelos factores da criminalidade que são tanto vitaes (hereditariedade) como sociaes; e esmerilhando estes factores biologico e sociologico, determinadores das classes de criminosos, conforme seu predominio. O cri-

minoso nato é uma anormalidade biológica usual; o louco criminoso (moral ou mattoide), é um exagero dessa anormalidade; depois tudo é predisposição para o delicto (pela qual já elle caracterisou o criminoso nato); o criminoso habitual é esta predisposição estimulada pela sociedade; o occasional será a mesma predisposição apenas desperta pela sociedade; e o passional ainda a predisposição levada a uma tempestade emotiva, pelas circumstancias de vida. Depois reputa a anormalidade referida uma nevrose criminal. Afinal reduz a mesma nevrose a perda ou falta do senso moral ou social, como a loucura é o naufragio da intelligencia e o suicidio a bancarrota da vontade. Tudo isto é confuso apenas.

A explicação psychologica, sim, mau grado seu, foi dada logicamente por Garofalo: o crime é uma anomalia moral, como disse Despine, uma redução dos sentimentos aquem do nivel commum dos homens civilisados. Suas classes são modalidades da mesma anomalia: ausencia dos sentimentos, de piedade e de probidade faz o assassino; ausencia só de piedade, faz o violento; ausencia só de probidade faz o ladrão. Só não entra ahi, a não ser pela falta do sentimento de pudôr, o dissoluto ou luxurioso. Reconhece a existencia do senso moral formado evolutivamente nos povos, compondo-se de instinctos moraes altruisticos, que se podem reduzir a dois, a benevolencia e a justiça. A benevolencia tem por graos. A piedade que impede os actos pelos quaes se inflige uma dôr physica; ou os actos que podem causar uma dor moral, ou que nos levam a minorar as dores que testemunhamos. A philanthropia ou genero-

sidade faz que nos occupemos com prazer não só do que pode diminuir as dôres actuaes como ainda prevenir dores futuras e tornar menos triste a existencia dos desgraçados. A justiça comprehende a delicadesa que é respeito e solicitude pelos outros; e probidade que é outro respeito ao que pertence aos outros. Os criminosos não tem como ficou dicto esses sentimentos...”

Sem pretender prejudicar aqui, de relance e perfunctoriamente a questão do criminoso nato, o seu typo e sua interpretação, tão tumultuada a segunda e tão batida a primeira, por espiritos de preparação technica como Baer, Topinard etc, que levam a suspensão do juizo a todo homem de orientação experimental, direi apenas que creio no typo do criminoso nato, como um homem de maçãs altas e espaçadas, e mandibulas grandes e prognathas, verdadeiro representante da raça mongolica por entre os homens da raça branca e que della vieram; mas não exclusivamente, isto é, de modo que outros homens não criminosos não manifestem os mesmos caracteres, nem absolutamente, de modo que todo criminoso apresente esses caracteres, porque julgo uma realidade tambem o typo profissional, como o penitenciario, bem como o typo gastronomico, que apresenta o desenvolvimento exagerado das mandibulas.

As raças comedoras como é allemã tem as mandibulas desenvolvidas; e as celtas tem como as slavas as maçãs altas e espaçadas, sem que sejam raças de criminosos a não ser este crime da conquista europea practicado actualmente pela Allemanha. Por outro lado to-

das as raças germanas tem o rosto quadrado ou pentagonal, de maçãs espaçadas e não são mais criminosas que as raças latinas e hellenas, de rosto oval. Os norte americanos tem na civilisação o rosto mais triangular conhecido, onde as maçãs estão espaçadas por força da finura do queixo, e as mais das vezes pelo parallelismo das fontes, que muda o rosto para pentagonal, e são, como os inglezes de que vieram principalmente, dos povos menos criminosos. Por outro lado, os indos, os persas, os arabes etc, que tem como os latinos o bello rosto oval de maçãs apagadas, e approximadas e mandibulas delicadas e orthognathas, são barbaros, onde o crime é um phenomeno natural.

O typo criminoso porem é uma idea adquirida pela sciencia, graças, a Lombroso, porque mesmo os que repellem o typo anthropologico, acceitam ou estabelecem o typo physiognomico, como Garofalo, ou o profissional como Baer, Topinard, Manouvrier, Lacassagne etc, ou o penitenciario, como Gautier ou ainda o typo complexo, profissional, penitenciario, mimico e emotivo que é a solução de Alimena. Qualquer que seja a origem dos typos nessas varias soluções, elle existe, e 45% de criminosos de todas as classes o encerram segundo as observações feitas; de modo que eliminados os menos crueis, ficam talvez 100% dos verdadeiros criminosos, com elle; e segundo Penta citado por Moniz Sodré que apresenta estes dados, 94% dos grandes criminosos, os considerados de indole, reúnem tres ou mais desses caracteres ou anomalias. Vou adiante e penso que todos os criminosos são gradações dum só estado, a barbaria passada, com *maxima* e *mi-*

nima das anomalias; mas não precipitarei as ideias.

Tambem creio na interpretação dada por Garofalo ao criminoso nato, como uma anomalia moral, consistente na redução dos sentimentos moraes, aquem do nivel commum dos homens civilizados, uma persistencia do estado moral das raças inferiores, selvagens ou barbaras que neste ponto de vista são a mesma cousa si não forem peiores; um estado natural ao mesmo tempo biologico como concebeu Albrecht e sociologico como pensam Dwrkheim, Amon etc; mas sem que por isto fiquem anormaes os estados de civilização dos mais homens; portanto sem nada de pathologico, como acabou por suggerir Lombroso. Sua primeira ideia de ser o criminoso nato um atavico dos seus mais antigos ancestraes foi a unica approximada da verdade, mas só approximada por que em vez de ser um atavismo a criminalidade nata é uma persistencia da barbaria manifesta hoje nos amarells porque o criminoso nato, em vez de ser um atavico, um individuo, que de subito, reproduz os caracteres do animal ou do selvagem ancestral, que o antecedeu a tantos milhares de annos, sem nenhuma continuidade, é um homem que recebeu dos paes que já tinham herdado dos seus, indefinidamente, até aos mais remotos, essa falta de sentimentos de moralidade, que constitue o crime natural ou criminalidade nata, desde os selvagens aos barbaros e destes aos civilizados actuaes, em uma especie de corrente ou rio de dissolução, que já Dufour tinha assinalado na sua *Historia da prostituição* e que coexiste com a outra corrente ou rio de

honestidade, parallelamente mas inversamente, augmentando uma quando a outra diminue, mas sem que nenhuma dellas desapareça, porque uma vem da natureza animal do homem e outra da sua natureza moral e social.

Não admitto as mais explicações ou interpretações até aqui suggeridas porque alem de julgar esse atavismo animal ou mesmo selvagem, impossivel para o homem actual que em tudo já se distanciou desses ancestraes, tanto physica como psychicamente, vejo muitos epilepticos que não praticam crimes e criminosos que não são epilepticos; como tambem julgo inexistente essa nevrose de Maudsley e de Ferri, circumscripta ao crime, sem outras manifestações nervosas nos criminosos impassiveis; e conheço de perto muitos neurasthenicos incapazes da practica do crime, e em seguida não creio nesta neurasthenia do crime em individuos inesgotados. Pode o criminoso ser um degenerado como são os das dynastias reaes, provados por Moreau e Jacoby, resultantes do cruzamento de parentes e da bajulação e falta de resistencia dos subditos etc, mas isto não existe no homem do povo, a não vir de causa identica ou do alcool ou outro factor da degenerescencia humana, e em todo o caso é restricto, e tem outras manifestações alem do crime que o levam para a classe dos semiloucos. A inanição nervosa de Marro é dos exgotados, não dos criminosos, em geral de pleno vigor.

A falta de desenvolvimento dos centros inhibidores de Brodigi, constitue a loucura da impulsão que nem sempre é criminosa, ao passo que muitos criminosos não a tem.

A inadaptação juridica de Vaccaro é uma verdade si não se restringe ao crime, porque é geralmente producto da energia humana: os heroes são inadaptados. Muitas victimas das influencias economicas vivem pacificamente na miseria, sem chegar ao crime, o que Purati deve saber. As influencias perniciosas da sociedade podem levar ao crime, como mostrou Ferri, no estudo dos seus factores, mas muitos individuos de boas condições sociaes são criminosos.

Para mim o criminoso é um selvagem ou melhor um barbaro, porque a barbaria tem os mesmos (ou peiores) sentimentos da selvageria, persistente atravez das civilisações, porque parece-se com o barbaro actual e porque essa persistencia é um phenomeno natural.

A semelhança do criminoso com o barbaro amarello um tanto exagerado para selvagem, já tem sido notada por seus observadores. Foi levado por esta semelhança que Lombroso explicou-o como um ser atavico das raças prehistoricas. Lauvergne segundo Corre estabelece um paralelo entre a forma do craneo do selvagem e a do criminoso assassino. Bordier conclue que o criminoso é um anachronismo, um selvagem em paiz civilisado. Foley assevera que em toda a humanidade a pequenez da fronte e a grandeza relativa da mandibula coincide com a disposição ao assassinato. Garofalo caracterisando os homicidas ou violentos, diz que ha nelles um predominio muito accentuado de arcadas superciliares proeminentes, de zygomias espaçados que é um caracter de certas raças inferiores, que elle suppõe ser a dos malaios principalmente; alem do compri-

mento excessivo da face em relação ao craneo e das mandibulas excessivamente volumosas, que poderia ter referido aos negros. Prins lembra a promiscuidade desmoralisadora dos criminosos que é commum aos selvagens e existe também nos barbaros etc.

Onde mais os criminosos se parecem com os barbaros é nos caracteres de ordem moral; insensibilidade physica e moral, que lhes traz a ausencia de remorso, que os torra crueis ou indifferentes aos soffrimentos alheios; a imprevidencia relativa que os conduz á imprudencia e á leviandade; a preguiça que os força ao crime para subsistencia; a vaidade que os impelle á tatuagem; a vingança, a mentira que Baer diz ser seu caracter especifico, e o des-pudôr.

Esta imprevidencia eu julgo apenas uma previsão enfraquecida, relaxada, por lhe faltar o reforço, o apoio do escrupuloso sentimento de dignidade, verdadeira atalaia nos actos do homem de bem.

Só creerei na imprevidencia do criminoso nato, ultima trincheira do irresponsabilismo quando o exhibicionista andar nú por entre os transeuntes, o attentador do pudor agarrar a primeira mulher bella que encontrar ao lado de seus defensores, o salteador assaltar os homens em plena praça publica e em pleno dia. Enquanto o criminoso nato procurar a occasião opportuna, o retiro, a noite, o esconderijo para a pratica do crime, mostra que prevê as consequencias de sua imprudencia para a consecução do seu fim e isto é previdencia; e mostra ainda que tem o poder psychico de dominar os seus impulsos ou motivos de acção praticando

actos que os desfarçam, adiam, ou occultam. No animal noctívago ou que come o tigre ataca pelas costas é um instincto formado por adaptação ou selecção e hereditariedade; mas no homem é producto da reflexão porque só ha hereditariedade desta falta de sentimentos que constitue a criminosidade nata, mas não das suas manifestações criminaes abertas pelas provocações sociaes.

Spencer que se deu ao trabalho de investigar a psychologia do selvagem, chegou quasi ao mesmos caracteres; e o fez maduramente porque já em 1876, na *Psychologia comparada* que escreveu para o 1.º volume da Revista de Ribot, occupava-se disto, notando que o selvagem tem desenvolvimento rapido mais detido na puberdade, costumes estaveis, attenção incapaz de ser fixada, salvo sobre cousas de sua vida e vingança, impulsões violentas e pouco duradouras etc.

E' com effeito um legado da barbaria europea, ja tomado á selvageria primitiva que por sua vez herdou-a da animalidade, essa falta de sentimentos moraes e ao mesmo tempo esss conjuncto de maus instinctos que occupam o seu logar, e caracterisam os criminosos, e que só a civilisação recalca, gerando os sentimentos bons; e a civilisação é um phenomeno sporadico, apenas operado em certos nucleos, occorridos de tempos a tempos, ficando o resto da sociedade extranho a seus beneficos effeitos.

Para mim não só o criminoso nato, como todos os criminosos são barbaros, persistentes na civilisação e em graos differentes, salvo si são impellidos ao acto criminoso por um mo-

tivo justificavel a que não podem e não devem deixar de obedecer, sob pena de perder a vida, ou ver desaparecer pessoa cara, que é a defesa propria ou alheia etc, porque não são então movidos por instinctos ferozes, ou por falta de sentimentos moraes, mas por necessidade, de matar para não morrer ou ver outrem morrer.

Em um grao *maximo* está o criminoso nato usual que é o cruel, regosijado com o soffrimento alheio por elle ou outro feito. Em um grao *minimo* o occasional, inerte sem bons nem maus sentimentos. No meio está o passional, ser instavel de duas naturezas talvez, devidas ora ao accumulo de hereditariedades de raças differentes, como são os mestiços de raças antagonicas, dos dravidas com os inglezes por exemplo que tem duas moraes, duas religiões e a quem os ingleses, por isto não podem confiar um cargo na colonia indiana, na informação de Le Bon. Por sua natureza de selvagem matam e pela de civilisado choram, tem remorso, da practica do crime, como este degenerado rei da Polonia Francisco Louis que maltratava dolorosamente a mulher mas não podia vel-a um instante affastada de si e Philippe V de Hespanha que foi difficil separal-o da pobre quando moribunda, segundo diz Jacoby.

Perdoem-me a digressão sobre a mestiçagem. Topinard, Quatrefages etc affirmam que a Europa é hoje toda mestiça, que o futuro é dos mestiços; mas accrescento que é preciso que o mestiço venha de boas raças, quando não dá a mestiçagem na instabilidade de natureza, no disparate, no crime dos referidos.

A prova da persistencia do criminoso nato, atravez de todos os tempos, é que a humanidade sempre foi o theatro de todas as crueldades e morticínios, o homem o agente de todos os supplicios e carnificinas, practicadas de todas as formas; guerras internacionaes e guerras civis, perseguições religiosas, emigrações e colonisações sanguinarias, despotismo, escravidão, hostilidade ao estrangeiro, sujeição á mulher, e exploração do pobre.

As perseguições religiosas que são as modalidades mais raras do exterminio humano porque presuppõem uma religião constituida, que não ha na selvageria, e ja não pode quasi subsistir a não ser para as mulheres, absortos os homens pelo seu trabalho na lucta pela vida que a civilisação centuplicou pela livre concorrência em tudo, assim mesmo que morticínios tem realisado, desde o budhismo coagido pelas hostilidades dos brahmanes a deixar seu berço indianno, para refugiar-se no Thibet, na China, no Japão! A historia de Israel então é cheia dessas carnificinas quer activas operados pelos judeus nos idolatras, quer passivas, exercidas sobre si mesmos pelos povos circumvisinhos que por vezes os escravisaram em Babilonia. Entre as primeiras está a perseguição ao christianismo, onde foi crucificado o seu fundador, João Baptista, etc. Os mussulmanos da Asia e Africa, estes então tem por característica a perseguição religiosa; e o exterminio dos armenios realisado agora pelos turcos, aproveitando-se da conflagração europea que impossibilita o contrabalanço dos povos superiores, que sempre os detiveram, é uma prova. Entretanto os arabes quando se esta-

beleceram na Europa, eram tão differentes que Draper na *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa* julga-os tolerantes, deixando se guiar pelos medicos nestorianos e judeus a que deram a base da chimica, tendo sabios como Alhazem, philosophos como Gazali, esquecendo-se da perseguição de Averroes, e da imposição do Alcoran á ferro e fogo, pelo seu fundador e successores. A Europa antiga manchou a sua historia com as perseguições dos christãos pelo paganismo romano, até que Constantino alliou-se aos mesmos e deu-se o reverso da medalha, a perseguição dos pagãos pelos christãos, impondo sua religião á força das armas, a que chamam de conversão. Depois veio o combate ás heresias fundadas por Arius, por Pelagio, por Nestor, por Eutychio, depois a rivalidade dos bispos de Constantinopla, Alexandria e Roma, as luctas de Gregorio 7 com o imperador Henrique 4, que elle humilhou em Canosa, impondo o celibato aos padres etc; de Bonifacio 8 com Philippe o Bello, cujo resultado foi schisma do occidente, com seus papas em Roma e em Avignon. Antes disto o schisma do oriente com a separação da egreja grega da romana. O que porem mais sangue deram foram as perseguições religiosas, combates ás heresias por ordens mendicantes, confissão auricular, então instituida, casuistica, autos de fé pelo tribunal da inquisição, força armada para levar tudo isto a effeito e as suas consequencias, prisões, supplicios que só o diabo machinaria no inferno de Dante, assassina-tos pela fogueira e outras formas, cada qual mais dolorosa. Assim foram exterminados, innumeras populações, os mouros em Portugal,

os iconoclastas albigenes e valdenses na França, e hussitas na Bohemia, queimados os chefes João Huss e Jeronymo de Praga; os Lollards em Cologne; os templarios em França. O que porem houve de mais doloroso foram as chamadas guerras de reformas, verdadeiras carnificinas dos protestantes pelos catholicos em França, Hespanha e Allemanha, e dos catholicos pelos protestantes na Inglaterra, onde foi decapitada Maria Stuart. O imperador Carlos V mandou matar nos Paizes Baixos ... 30000 protestantes, e seu filho Philippe II de Hespanha 18000 com o auxilio do tribunal de sangue da inquisição. Na França os huguenotes começaram a ser exterminados na conjuração de Amboise, afogada em sangue pelos Guises e acabaram na celebre noite da revogação do Edicto de Nantes, chamada de St. Barthelemy, em que o rei Carlos IX da janella do palacio carabinava os fugitivos, como Nero expunha os christãos ás feras. Na Europa central foram verdadeiras guerras, *dos trinta annos*, com periodos marcados pelo triumpho, dinamarquez, allemão, sueco e francez. Até as universidades allemães se excommungavam reciprocamente. Era a voragem da mania criminosa — religiosa. Alem dessas perseguições religiosas uma houve mais cruel porque se exercia sobre os proprios concidadãos, paes, filhos, irmãos, da mesma crença por não satisfazerem ás exigencias da casuistica, então elaborada como uma rêde para colher os infieis, á guisa de peixes, onde iam peixões, bellas moças cujo pudôr as defendia das outras manobras pueris da celeberrima inquisição e cujos supplicios serviam de pospasto aos malvados,

conforme demonstrou Herculano na sua *Historia da Inquisição em Portugal*. Ainda houve uma perseguição, a feita aos judeus, encerrados no *ghette*, marcado, pela *rouelle* ou grotesco chapéu na Italia, sujeitos á pedagem e á salvo-conducto na Allemanha, morando em todo o logar em bairros immundos etc.

A guerra então é a característica humana porque na animalidade só a tem as formigas e ella é praticada em larga escala por todos os povos selvagens, barbaros e civilisados, vivendo muitos de seus productos, sem agricultura, sem industria, sem commercio, a não serem insignificantes, como aconteceu em Roma; e o que é peor desenvolvendo-se com a civilisação que centuplica os seus processos destruidores; de modo que cahem por terra duas ideas de aspecto grandioso: a da differença da guerra antiga que era destruidora para a moderna que é defensiva, posta por Weber, Mougeole etc; e a da caracterisação da antiguidade pela guerra e da actualidade pela industria que está em Comte, Bagehot e sobretudo Spencer que supprimio o legismo intermediario ao militarismo antigo e ao industrialismo moderno.

Si Weber vivesse hoje veria que nos annaes da humanidade tão continuamente e universalmente ensaguentados pela guerra não se relatam batalhas tão sangrentas e devastadoras dos mais bellos productos d'arte que outr'ora os semilares vandalos não encontraram em seu percurso, como as que seu paiz malvado que durante meio seculo se armou desesperadamente, entre os mais povos pacificos, apenas meio disciplinados por temor do assalto, tráva com os

povos civilizados da Europa e mesmo de todo o mundo, porque os seus loucos e crueis submarinos põem todos os navegantes em perigo; que em dois annos tem consumido mais d'uma dezena de milhões de homens, decepando seios de virgens violentadas para serem mais tarde reconhecidas ou não poderem amamentar outras creanças alem das tambem decepadas nas mãos para que não peguem mais tarde em armas contra o seu dominio; e ameaça destruir todos os homens validos dessas regiões, porque com as suas preparações, planos e odios, recursos e crueldades, só por cessação completa de suas energias deixarão de luctar, agredindo uns, os vandalas modernos e defendendo-se os mais.

As inscripções da Assyria relatam que um rei d'ahi Assurnazirhapa cobriu os muros da cidade com as pelles escorchadas dos chefes d'uma revolta; e outro, Senacherib, passou como um furacão, devastando, innundando a terra de sangue onde as armas boiavam como num rio. Os vandalas passaram como raios ao sul da Europa, devastando, como agora os allemães. Não menos crueis foram os hunos cujo chefe Atila dizia que por onde elle passava não nascia mais a relva, tal era o peso do seu exercito. Mas tudo isto era feito a ferro frio. Elles não conheciam a polvora, a dynamite, os gases asphyxiantes, o canhão de grosso calibres ou de tiro rapido, a metralhadora que pulverisa a morte, o submarino que a reúne num blóco, o zeppelin que a vomita sobre as cidades. A palma da crueldade e do exterminio humano cabe a Allemanha, que abusou de sua intelligencia tão bem encaminhada nas

sciencias, artes e industrias, pondo-a ao serviço de maniacôs da grandesa de ordens especiaes que para ter mais um nome de bravo e um luxo maior, reputam inimiga a humanidade a que devem matar para submetter as mulheres e as crianças. A batalha de Marathona só custou aos gregos 200 homens e aos persas 7000. A de Platea 200 gregos e 260 mil persas. O triumpho de Carthago sobre Roma 70000. O de Roma sobre Carthago 20000. Não se sabe quantos individuos foram mortos na batalha de Guadelete que em 711 entregou aos arabes a penisula hispanica, apóz uma lucta de 8 dias, promovida por outros loucos os herdeiros do throno usurpado pelo tio Rodrigo, convidando os arabes; mas a julgar pela batalha equivalente em que o rei austriaco Othão I, deteve a invasão hungara em Augsburgo em 955, não se compara com a actual, pois na batalha referida morreram apenas 100000 homens. Tambem a tomada de Constantinopla pelos turcos foi realisada apenas por 260.000 attaccantes. Creio mesmo que todas as guerras de conquista reunidas, desde as do Egypto, Assyria, Babylonia, Ninive, Alexandre Magno Carlos Magno, imperadores allemães pretendendo a coroa de Italia, reis inglezes pretendendo a de França, Carlos V procurando o imperio universal, Philippe 2 seu filho querendo subjugar a Italia e os Paizes Baixos, Napoleão repetindo a loucura de Carlos V, e de Alexandre e Carlos Magno, sommadas não dão resultado egual a esta que o Kaiser laboriosa e intelligentemente preparou durante toda sua vida publica, porque seus processos de destruição estão centuplicados ou *milleplicados*, e as guer-

ras anteriores resolviam-se por uma batalha cu outra a cujos destinos se entregavam os povos capazes da resistencia abandonada.

Si Comte e Spencer vivessem hoje tambem veriam que erraram considerando a humanidade sujeita á regularidades sociaes no tempo á guisa da evolução cosmica ou vital, tendo passado por uma phase primitiva do militarismo e entrado na outra do industrialismo, que acabam de se inverter porque esta guerra ameaça durar tanto que transforme duma vez todas as organizações ainda restantes da industria; e quando se acabe, julgo impossivel matar a tendencia militarista nascida da lecção amarga da experiencia, por um accordo internacional que nunca produziu-se e cujos ensaios havidos em Haya, foram logo desmentidos pela realidade tremenda. Não, a regularidade social em phenomenos politicos é uma mentira ou uma falsidade. A vontade propotente dum homem que sabe explorar a porção não evoluida na materia dos sentimentos, da-lhes ganho de causa sobre aquelles que triumpharam antes pela força do direito, da liberdade e da justiça; e eis que duma Grecia livre irrompe um Alexandre, duma Roma livre um Octavio, duma França em andamento para a liberdade um Carlos e livre um Napoleão, como duma Austria organizada irrompe um Carlos V e um monstro humano que foi seu filho Philippe 2 de Hespanha, e duma Alemanha culta, a ultima dessas figuras perturbadoras da ordem humana, o Kaiser.

Os escriptores naturalistas tem feito a apologia da guerra no passado, como Bagehot *Leis scientificas do desenvolvimento das nações*

onde diz que na idade do combate havia a tendencia para o progresso...., porque a lucta continua desenvolve virtudes marciaes que disciplinam a nação, etc.

Outros vão além disto e glorificam a guerra, ao modo de Le Bon que no *Homem e as sociedades* escreve que a guerra não é a forma que seja mais mortifera da lucta pela vida... A lucta pela vida surda, commun é que engendra a perversidade mascarada pela civilização... A sociedade só progride onde a lucta é violenta.. O grau de civilização dum povo se mede pela preparação do seu armamento militar etc.

O allemão Steinmetz então leva a idea ás suas ultimas consequencias, dizendo na *Guerra meio de selecção collectiva*, que ella é o unico processo de selecção altruistica, pois a selecção individual é egoistica, de modo que sem a guerra a humanidade retrograda na moral!!

Não é somente o derramamento do sangue que mostra ser a humanidade formada por criminosos natos, excepção de pequenos *escols* em cada nucleo civilisado, que servem de arca de noé para a conservação dos sentimentos elevados. O despotismo, a escravidão, a hostilidade ao estrangeiro, a sujeição da mulher, o systema economico actual, tudo isto é prova do phenomeno.

Porque é que um Rothschild, um Rockefeller passam a vida a monopolisar os bancos, a dominar as principaes fontes de riqueza, accumulando capitaes enormes que dariam, o de cada um para enriquecer milhares de familias, sem necessidade, porque numa vida curta como é a nossa que nem chega para elles saciarem

suas paixões pecuniarias, de nada lhes serve augmentar sempre a fortuna, e sem vantagem porque tudo o que querem já têm, e com desvantagens porque o tempo precioso que perdem nesse trabalho inutil applicar-se-iam a cousas proveitosas e não prejudiciaes á humanidade?

A sujeição imposta á mulher pelo homem quando ella é sua companheira, durante toda a vida, cooperadora dos meios de subsistencia communs, na pobreza, solidaria sempre nas alegrias e nas dôres, e sobre tudo mãe dos seus filhos, fonte de seus melhores prazeres e muitas vezes objecto de sua paixão amorosa, é outra prova da crimosidade nata persistente desde a selvageria primitiva.

Sabe-se que os selvagens tem a mulher como uma propriedade, uma escrava que quando não raptam, compram e vendem, alugam, cedem, espancam e matam. Indolentes e preguiçosos, alem disto occupados da guerra e mesmo da caça, enchem as horas e os dias vagos com o preparo dos instrumentos respectivos, o ocio ou as festas, enquanto as mulheres constroem a casa, surtem-a de alimentos, agua e lenha, ordenham as vaccas, tecem pannos etc.

Algumas vezes levam seu interesse ao ponto de terem manadas de mulheres, origem principal da polygamia, medindo a sua fortuna pelo numero de suas escravas, como acontecia com os nossos fazendeiros que só differiam em não serem casados com o pessoal da senzala. Outras vezes mercadejam a sua utilidade sexual recebendo a importancia das suas torpesas e si não marcando-as a ferro pelas costas,

como acontece no Gabão, com varias de suas populações.

Si faltam mulheres acham-se bem no estado aviltante da polyandria fraternal ou não que pode chegar até ao matriarchado mal entendido por Bachofen, que o suppoz a phase primitiva da familia quando é uma degenerescencia na selvageria e mesmo na barbaria (todas, thibetanos e nairs da India, onde segundo Ratzel um homem podê fazer parte de muitos grupos familiares, quero dizer matrimoniaes).

Na barbaria asiatica quando não se prolongam esses estados primitivos é para degradal-os na prostituição, ora religiosa para obter um dote que augmente o proveito do marido, ora domestica dos serralhos então luxuosos dos individuos já fartos de outra exploração, a popular, ora official que lhes dá o meio de subsistencia attribulada mas com certa liberdade fascinadora, coitadas, que, só assim podem gozar! Apenas em Israel e na India ella teve certas regalias, de dona de sua casa e de suas escravas mas vendo o leito compartilhado por outras, portanto sem amor, e sujeita á potencia constante do homem, pae, marido, filho ou parente, e tornando-se mesma escrava dos parentes do marido na India se não preferia ser queimada com o cadaver deste. Na China é verdade que a familia do marido recasa a viuva; mas ella está sempre sob o poder do pae, depois do marido, depois do filho, para voltar ao do marido.

Nas civilisações europeas a mulher melhorou por sua entrada na familia monogamica, quer gosasse duma liberdade compativel com a honestidade nos dorios, em Roma, nos

germanos, quer ficasse mais tarde enclausurada nos gyneceus dos jonios; foi dona exclusiva da sua casa, servida por escravos nos jonios e em Roma, por servos da gleba nos germanos (tambem por escravos) e por cousa equivalente (hilotas) nos dorios, occupada com a criação dos filhos, com as artes e lettras mesmas nos dorios; mas antes que na degenerescença dessas civilisações ella comprasse o homem pelo dote, continuou a sêr adquirida pelos processos da selvageria e da barbaria, rapto, compra e venda, sendo castigada e até morta pelo marido, portador do *jus necis ac vitae*, conforme a denominação romana, o que aconteceu em Roma, na Grecia e nos germanos, não obstante o culto pela mulher que falla Tacito, a acreditarmos nos *Sagas*.

Todo esse martyrologio da mulher e toda essa contradicção do procedimento do homem para aquella que é sua mãe, esposa, filha e irmã, fazem-me pensar no dom Juan de Guerra Junqueiro que a respeito da amante exclamava: Não poder eu matal-a a toda hora beijando-a a todo o instante!

A rasão dessa sujeição da mulher é antes de tudo o tradicional orgulho de superioridade physica do homem, que impera mesmo quando elle se enternece diante da mulher amada, para conserval-a timida e em seguida fiel, privando-se assim desta intimidade doce que só ella pode dar a confiança reciproca, que traz a felicidade do casal, mantendo-se sobranceiro, em face da mulher desilludida, amargurada, desamorosa, e portanto disfarçada pela sua fragilidade, quando seu orgulho offendido não o leva a improperios e outras selvagerias.

Tem-se pensado que é esse o verdadeiro estado de mulher, porque toda a vez que ella sahiu d'elle, a sociedade degenerou, desde o Egypto em que por força dessa degeneração os homens foram comprados por ella, até a Grecia e a Roma em que o mesmo facto repetiu-se; mas Otfried Müller e outros criticos allemães affirmam que entre os dorios, eoleos, spartanos etc a mulher gozava de todas as liberdades compativeis com a sua dignidade a exemplo de Sapho e de Aspasia.

Houve um momento em que a emancipação ou melhor a defesa da mulher maltractada constituia uma religião, a do cavalleirismo. Era o tempo em que a lucta dos (vencedores) germanos e dos (vencidos) latinos, expunham-as a constantes ataques. Então as tradições germanas e as influencias christãs uniram-se por momento montando a instituição do cavalleirismo de saudosa memoria.

Isto porem passou logo e a mulher voltou a sujeição tradicional, auctorisando o Codigo de Beaumanoir ao marido espancal-a quando não obedecer, maldizel-o ou mentir..., seguindo-se apenas a galanteria do seculo XVII que degenerou na libertinagem elegante do seculo XVIII. Apenas em Inglaterra ella desde o seculo IX dispoz da sua mão, deixou de ser repudiavel a arbitrio do marido e teve bens proprios e suas chaves. Felizmente já alguns povos comprehendem a justiça da egualdade juridica da mulher ao homem, realisada num povo selvagem, os tuaregs, onde a mulher é dona absoluta de sua casa, de sua fortuna, de seus filhos, que trazem seu nome, dispondo de sua mão, comendo com o marido, ao contrario

do que se passa nos barbaros e selvagens e até impondo ao marido a monogamia pelo immediato pedido de divorcio, quando querem dar-lhe uma rival. Ja na Noruega desde 1734, na Suecia, Dinamarca e até na Inglaterra a mulher avisinha-se desse estado que a Finlândia realisa, mandando de mais a mulher ao Congresso.

Em outro lugar escrevi: Não é o divorcio amplo o unico perigo da dissolução da familia. A emancipação forçada da mulher é um perigo maior. Apressemos-nos pois em emancipal-as renunciando os resquícios selvagens do poder marital, d'esses tempos, em que a mulher era a besta de carga, edificando a palhoça, comboiando os animaes, ou pelo menos, preparando a casa, abastecendo-a d'agua, de lenha, de fructos, e de peixes, para ficar em seguida na condição de cão domestico, que espreita ao lado do dono a migalha que lhe cahe da bocca, repleta de gulosidade. A superioridade mental de mais de metade das mulheres sobre seus maridos força a sua realisação. Si o homem não se antecipar em ennobrecer a companhia de sua vida, ella vencerá pela competencia que suas qualidades moraes lhe asseguram e a indole das civilisações garante; mas afeiará no avigoramente physico da lucta pela vida e sobretudo ganhará as ruas, em prejuizo do seu pudôr e de seus affectos, dimanados de sua reclusão.

A repulsa do estrangeiro, que a curiosidade leva a viajar e a necessidade a emigrar foi o producto dessa falta de sentimentos humanos de benevolencia ou amor ao proximo que a religião philosophica de Budha

(Çakia Muni) pregou, e de que herdaram Christo o elemento religioso e os stoicos o philosophico. E' sabido que nesses tempos o estrangeiro era um inimigo, chamado *hostis*. Quando a necessidade commercial obrigava, elle se punha sob a proteção dum nacional especie de consul, *proxenia* na Grecia, *hospitium* ou *patronatus* (conforme havia ou não reciprocidade), em Roma; mas isto só acontecia com o estrangeiro amigo, o *peregrinus*. Quando a necessidade commercial era grande, sua vantagem consideravel, alargou-se isto na Grecia, auctorisando-se o *meteque* a estabelecer-se, concedendo-se certos direitos ao *isolete*, e afinal todos os direitos civis na *isopolicia*. Em Roma esse phenomeno foi imponente. O *pretor peregrinus* (especie de ministro exterior privado) pesquisava o direito do paiz do estrangeiro para applical-o nas suas relações com os nacionaes forçado pelo grande desenvolvimento do commercio no fim da republica e o resultado foi um direito novo o *jus gentium*, que é a grande criação romana, porque o *jus quiritarium* e o *jus patriciarum*, foram communs aos outros povos como os hellenos a que foram tomadas as disposições das 12 *Taboas*.

O christianismo gerou, quero dizer estendeu o amor familiar e nacional, ao estrangeiro, como ao miseravel, e ao doente, isto é, o amor ao proximo (propriamente dicto); imprimindo junctamente com a philosophia grega, principalmente a stoica, uma phase nova ao direito romano, a do *jus naturale* mas que produziu aqui quasi nada, limitou-se por assim dizer a moralisar o que o direito ja estabelecêra.

Com a invasão germana cujos povos esta-

vam nas alturas dos gregos e romanos primitivos houve volta ao direito abandonado já; e Bartolo vivendo em um paiz commerciante e desconhecendo o *jus gentium* ou vendo que este não tinha força procurou um meio novo de garantia do estrangeiro que foram os estatutos pessoaes, cujas theorias explicadas, ampliadas, reformadas, discutidas, verificadas, originaram um direito novo o *Internacional privado* que resolve as questões principalmente pela procedencia ou exito seguro da legislação a que o estrangeiro tem de se submeter afinal, de modo que é antes um aviso aos incautos do direito regulador da materia, como foi no direito romano, do que uma preceituação de direito novo numa materia tão fugidia e tão estorvada por interesses oppostos e assegurados por potencias muitas vezes collossaes para que quaesquer outras não se atrevam a pleitear o contrario.

O que mais prova a criminalidade nata do homem porem, nesses aspectos pacificos da sociedade, são os institutos da escravidão, do despotismo e da pena de morte.

Pegar uma creatura que sente e pensa, como o senhor e muitas vezes melhor do que elle, como acontecia com os escravos gregos (Epitecto, Platão etc) e sujeital-a a trabalho forçado, mal vestida, mal alimentada, mal abrigada, sem uma remuneração, debaixo de castigos tormentosos, comprando-a, vendendo-a, alugando-a e muitas vezes matando-a, mesmo aos milhares como faziam os romanos pelos meios mais algozes, a cruz, o devoramento pelos peixes, corrompendo suas mulheres, suas filhas, separados todos esses entes entre si

queridos, mas deformisados, prostituidos e muitas vezes horrorisados com esses estados intoleraveis matando os senhores e suicidando-se em seguida, como faziam os negros krus, que por isto deixaram de ser escravisados, e muitos outros rebellando-se em grupos como fizeram os nossos Palmares, a exemplo dos heroes que acompanharam Spartacus em Roma, só porque na luta pela vida são fracos, não tem a existencia garantida por um Estado poderoso ou foram vencidos na guerra, é um prolongamento d'esta, uma manifestação da crueldade humana.

Não combatemos a guerra porque não somos utopistas, como o celebre philosopho Kant e muitos outros espiritos bem intencionados, a frente dos quaes está a bella baroneza austriaca Bertha de Suttner, nem deixamos de reconhecer que as guerras são por vezes um mal necessario, quando são de direito, resolvendo uma questão juridica que outra solução não poudo encontrar e que os publicistas procuram regular para que façam o menor damno possivel etc; ou quando são necessarias á subsistencia humana, como verdadeiros estados de necessidade internacional para os povos que tem de emigrar para não morrer de fome, e que alem disto são as origens de todos os Estados modernos, em emigrações ou em colonisações; mas não podemos deixar de notar que alem dessas guerras legitimas existem as illegitimas, productos exclusivos da ferocidade humana, que sacrificam milhões de vidas, para augmentar o bem estar pessoal dos monarchas, e que são as que enchem a historia porque a principio muitos povos viviam exclusivamente dos despojos

dos inimigos e depois muitos monarchas dilataram as suas ambições ao ponto de emprenderem o Estado universal como foram Sesostris etc no Oriente e no Occidente Alexandre e Carlos Magno, Carlos V, Napoleão e o Kaiser, alem de outras ambições menores de conquistas de outros Estados como foram a dos imperadores allemães com a Italia, a dos reis inglezes com a França, a dos allemães e hespanhoes com os Paizes Baixos, a dos Napoleons com a Italia, a dos allemães com a Hungria e a Bohemia, a da Prussia com a Austria, a da Turquia com os Estados balkanicos, a da Russia e Allemanha com a pobre Polonia, victima desastrada dessa ambição cruel, feroz, sanguinaria. insaciavel.

Foi a guerra a fonte da escravidão antiga, que era o seu prolongamento na paz, o martyrio lento dos inimigos que não tiveram a coragem de luctar até á morte; mas recentemente ella foi o resultado d'um commercio que era outra manifestação da criminalidade nata dos homens, pois era effectuado entre negros selvagens onde a ferocidade é natural e brancos tão crueis que segundo Le Bon horrorisaram ao commandante Cameron que indignado escreveu: os peiores arabes não hesito em affirmar são a esse respeito anjos de doçura em comparação com os portuguezes e seus agentes que não acreditaria si não tivesse visto, podessem ser tão brutalmente crueis e de physionomia alegre, degolando mulheres e crianças nas suas caçadas aos escravos. Mesma cousa segundo Quatrefages fizeram os inglezes na Oceania, onde os *kidnappers* para terem gente a seu serviço, que não pagavam ou não repatriavam,

caçavam papúas, tiravam-lhes as cabeças e levavam aos outros que para possuírem esses tropheus, engajavam-se assim indefinidamente, talvez acabando por ser mortos para suas cabeças trazerem outros que tinham o mesmo destino.

E' por isto que as colonisações modernas, ao contrario das antigas que feitas pelos particulares, apenas garantidas pelos Estados, eram sociaveis com os naturaes dos paizes em que se realisavam, foram verdadeiros extermínios dos povos da Africa, Asia, Oceania e sobre tudo da America. O extermínio dos indigenas, onde estão compromettidos os nossos avós, então é imperdoavel porque eram uma população bem digna de ser conservada, na sua maior parte já branca nas feições, apenas bronzeada ao norte, pelo calôr do sol, só atrasada no desenvolvimento psychico e social mas facilmente conductivel e bem capaz de preencher os claros dos nossos sertões tão despovoados e inacessiveis, pelo seu clima abraçador, ás melhores gentes da Europa. A incursão em egual motivo de censura pelos norte americanos, não os absolve da culpa, do estigma da perversidade, commum tambem aos hespanhoes.

Tem-se justificado a escravidão, outróra no ponto de vista do direito e actualmente no aspecto da necessidade historica. O philosopho Aristoteles por exemplo disse que homens haviam que nasciam para escravos. Isto porrem cedo cahiu e já os jurisconsultos romanos consideravam a escravidão como contraria á natureza, que os faz eguaes (Seneca), como fizeram Ulpianus, e Florentinus sem duvida porque derivava a escravidão do *jus gentium*.

O christianismo completou a acção do stoicismo desses juriconsultos abrandando os rigores da escravidão e emancipando muitas vezes os escravos. O estabelecimento dos germanos substituiu a escravidão pela servidão da gleba, deslocando-a, abrandando-a assim mas não extinguiu-a. A descoberta dos continentes, especialmente da America restaurou-a de novo no aspecto mais feroz, até que alguns heroes do altruismo clamaram contra o instituto, excitando os brios dos anglos saxões que para destruil-o nos Estados Unidos empenharam-se na mais violenta guerra civil conhecida. Entre nós a alma grandiosa de Nabuco, conseguiu, ainda que tardê, realisar o sonho de Castro Alves, a cessação dessa mancha do nosso pavilhão.

O despotismo não é menor indicio da crueldade humana. Tomar as redeas dum governo e dirigir o carro d'uma nação, não para os seus destinos naturaes, de conservação e engrandecimento d'um povo, mas para o interesse proprio, roubando assim o dinheiro alheio, lançando a sua patria no descredito da insufficiencia dos recursos para subsistir, da impontualidade no cumprimento das obrigações, que rebaixam tudo, homens e povos, tornando difficil a vida de seus concidadãos, amigos e parentes, quando podia o tyranno, fazer como Washington, levantar a sua patria á altura d'um Estado respeitavel, onde todos sejam felizes, sua prole encontre portanto o bem estar futuro, tendo em troca a benção dos seus antepassados, o regosijo dos seus contemporaneos, o endeosamento dos seus vindouros, é uma perversidade que chega ao cumulo quando a isto ac-

crecem aggressões pessoaes, usurpações de propriedade, deshonnras, assassinatos, que acompanham sempre esta queda da pedra a rolar no abysmo.

Os despotas foram todos criminosos natos, desde os orientaes que mandavam abrir por qualquer cousa o homem pelo meio, até os romanos: Augusto, dizimando os republicanos e entregando o amigo Cicero a Antonio, Tiberio assassino de Germanico e sua familia, Agrippina etc; Caligula que desejava o povo tivesse uma só cabeça para elle tiral-a, elevando o cavallo a senador; Claudio o assassino da mulher, Messalina e outros; Nero o assassino da virtuosa esposa Octavia, de seu preceptor Seneca, da mãe Agrippina e iniciador da perseguição dos christãos; Domiciano e Commodus que só achavam prazer no combate das feras e dos gladiadores, o ultimo dos quaes foi assassinado com a cumplicidade da esposa Domícia Longina; Caracalla que assassinou o irmão Geta nos braços de sua mãe e mandou matar o mestre Papinianus por não querer justificar o acto; HelioGabalos que instituiu o culto de Baal, que mulheres syriacas celebravam com danças lascivas assistidas pelo Senado em trajo asiatico; Aureliano, o assassino do preceptor Longino, trucidador de Zenobia; Deocleciano que mandou matar as filhas e a mulher; Constantino que fez lançar ás feras esquadrões de prisioneiros, e suppliciou a mulher e o filho magnanimo Crispo.

O mesmo quasi deu-se com os monarchas absolutos da Europa moderna, a começar pelos medievaes, e mesmo anteriores. Alexandre Magno mandou matar o philosopho Callisthe-

nes, de fadiga, amarrado atraz do exercito, só porque censurou sua pretensão a ser divino e lancetou Clito que o tinha uma vez salvo por censurar a sua orgia; Theodorico o Grande rei dos Ostrogodos da Italia prendeu o seu ministro Boecio (que na prisão escreveu *Conso-lações da philosophia*) e mandou matal-o bem como a seu sogro Simmaco. Luiz XI de França mandou matar ás centenas. Henrique VIII de Inglaterra fez assassinar suas mulheres Anna Bolena e Catharina Horward para casar com outras. Em Portugal Affonso IV fez estrangular a nora Igrez de Castro; seu filho Pedro o Severo era cruel até a ferocidade e dançava nas ruas. Seu filho João Pedro apunhalou a esposa para casar com outra; João o perfeito apunhalou o duque de Vizeu e fez executar o parente duque de Bragança e outros; Pedro II prendeu o irmão rei, divorciou-o e esposou-lhe a mulher etc.

Admira que haja homem culto capaz de justificar o despotismo, a crimosidade nata dessas fêras, só porque substituíram algumas vezes a anarchia pelo terrôr! Le Bon por exemplo diz que si nas edades primitivas, a influencia do Estado não tivesse sido toda poderosa, a antiguidade classica não teria sahido da barbaria e a historia não teria que se occupar della (!), quando a historia dos judeus mostra o periodo brilhante do governo dos juizes, a da Phenicia e Carthago o bom exito das republicas quaesquer, mesmo aristocratas, a da Grecia sobre tudo a grandeza da republica democrata que Roma não attingiu mas acompanhou!! Melhor é deixar isto á fatalidade universal, sem encomios nem censuras. Outros

auctores entretanto (Lestrade, Passy, Bagehot etc) vão além deste naturalismo e proclamam a superioridade dos governos despoticos, sem duvida por que não conhecem de experiencia propria as suas tropelias, não foram parar á Bastilha, como seus antecessores na França e logares equivalentes doutros paizes.

Basta reparar na instituição mais consentanea do despotismo, a escravidão ou sua substituição, o servilismo. Quando os germanos se estabeleceram na Europa, não podendo escravizar todos os latinos, que se entregaram aos vencedores e assim não tinham que ser mortos, forçaram-os a se fixar nas terras que elles usurparam, trabalhando para si uns dias e para o proprietario outros, pagando os impostos que julgavam convenientes, impondo-lhes a obrigação de cooperar para a defesa commun etc: foram os servos da gleba. E assim veio a Europa, composta de nobres que cercavam a realza e de servos da gleba que davam á nobresa os recursos necessarios para a sustentação do seu fausto circum real, salvos apenas os que se rebellaram em municipios, até á revolução franceza cuja repercussão europea não só deu aos despotas constituições delimitadoras de suas prepotencias, como emancipou os povos dessa semiescravidão!!

A pena de morte é um desses legados da barbaria, uma das modalidades de manifestação dessa ferocidade primitiva, ainda hoje persistente.

Não data da selvageria porque a julgar pelos documentos que restam e pela analogia com as aggremações similares dos selvagens actuaes, não havia pena, absorvida esta pelo

duello judicialo regulado pela lei do talião que só no caso de assassinato accarretava a pena de morte, isto é, a morte pelo duello; e de novo mais tarde absorvida pela compensação regulada por tarifas fixadas pelos chefes para compartilhar das multas ou indemnisações, numa proporção que os germanos chamavam *freddum* e os arabes *dieh*.

Só quando os povos vão sahindo da selvageria para entrar na barbaria, por constituição do Estado surge a punição e com ella a pena de morte. Os germanos por exemplo apoz o duello primitivo montaram a compensação para os crimes privados e a punição para os publicos, enforcando os transfugas e traidores e afogando os covardes na lama. O mesmo dava-se recentemente com os australiaños que segundo Martins Junior já tem a indemnisação pelo roubo, adulterio etc e a punição effectuada pelos parentes do assassinado e exercida sobre o pae, o irmão mais velho e só na falta sobre o homicida.

A pena de morte engrossou e fez estragos na barbaria, isto é, nos estados primitivos organisados a pouco e pouco no declinio da selvageria. Todos os Estados dictos civilisados da antiguidade a prodigalisaram, de envolta com outras penas torturantes movidas todas pela ferocidade em funcção da vingança.

A China era cruel na punição, tornando em certos crimes de homicidio, lenta e dolorosa a morte do criminoso, mutilando em mil pedaços o desgraçado; e ainda hoje tem os mais crueis supplicios para os condemnados, desde a surra de bambus até á extorsão da lingua á torquez, o empalamento e o terrivel supplicio

da canga, enorme *tina* de fundo aberto onde entra mas não sahe a cabeça do homem que a tem de suspender nos lombos mas por pouco tempo em vista do seu peso e quando esmorecido pendura-se sobre ella espeta-se em grandes pregos que o privam de fazel-o e assim morre de cansasso e de pregadas pelo pescoço. O Peru enforcava o incestuoso, esquartejava o sodomista, e matava os adúlteros e os que blasphemavam contra o sol. O Mexico esquartejava a adúltera, empalava o estuprador, queimava o sodomista, enforcava o incestuoso, assassinava de qualquer modo o ladrão, o calumniador, o bebado mas permittia a escravisação do homicida. O Egypto tirava a lingua aos delatores, as mãos aos falsificadores, matando os ladrões, os adúlteros, os calumniadores. A Persia punia de morte os ladrões e os desertores. Os hebreus lapidavam a adúltera e assassinavam de qualquer modo os blasphemos, os idolatras, os homicidas e até as moças que casavam sem virgindade. Os arabes lapidavam as adúlteras, tiravam as mãos e os pés aos ladrões, davam 40 açoites por beber vinho, mas admittiam compensação pelo homicidio. Sparta então inverteu a ordem natural dos factos, punindo o celibato, a obesidade, o uso de moedas de ouro e prata, a fruição de alimentos saborosos e permittindo o adulterio, o furto com agilidade e coragem e até o exercício sportivo da *chyptia* (assassinato dos pobres *hilotas*). Athenas restabeleceu a ordem natural e ampliou-a punindo a moeda falsa, a prostituição venal, a violação da mulher, a *chantage* (*syconphantia*), instituindo a execução pela cicuta, o banimento para o homicidio, o ostracismo para

o crime politico, e a *atimia* (perda de direitos). Os romanos applicaram a pena de morte em abundancia, sem aproveitar a magnanima lecção dos gregos: crucificando os escravos apoz a marca na fronte, a fustigação e o chicote; abrindo as veias dos criminosos politicos (Seneca, Peto etc), depois de ter anteriormente estrangulado ou precipitado da Rocha Tarpeia, alem da flagellação, da estrangulação, da ignominia, dos outros crimes.

Na Edade media, diz Letourneau na *Evolução da justiça*, em todo logar esfolava-se, empalava-se, esquartejava-se, ou roe-se, queimava-se o individuo na roda. Os moedeiros falsos eram queimados a oleo. Na alta traição abria-se o ventre e queimavam-se as estranhas. Na Allemanha destelhava-se a casa, murava-se a porta e envenenava-se a fonte ou o deposito d'agua.

Tudo isto não é effeito natural duma necessidade de vingança porque muitas vezes é o homicidio que tem compensação ou pena mais branda. Tudo isto não é sujeito a uma evolução porque os extremos, á Chira e a edade media se tocam. A perversidade desordenada, aqui e ali mais forte, mais suggestiva, minorando na grande raça dos hellenos, dos creadores da philosophia, da arte e da democracia, é o que apenas se encontra em todo este percurso penalista.

Como se vê depois do brilhante periodo do hellenismo a pena de morte encheu de novo a historia da humanidade, até por obra dos sacerdotes da religião, da paz e do amor ao proximo. A egreja catholica fraternizando com o Estado, desde 1480, em que Fernando de Aragão e Isabel de Castella estabeleceram para uni-

ficar os Estados o tribunal do Santo Officio, encheu os carceres de victimas da sua intolerancia; e á semelhança da egreja mussulmana impoz a ferro, fogo, azourrague e innarraveis supplicios, o seu credo, complicado *adréde* para esse fim; alem da saciação de vinganças pessoaes determinadas muitas vezes por appetites carnaes contrariados dos seus malvados agentes, que segundo Herculano em Portugal, faziam pospastos das maiores torturas impostas ás mulheres bellas e honestas. Os Estados dirigidos então por individuos degenerados pelo crusamento consaguineo conforme a these de Moreau de Tours, demonstrada melhor por Jacoby nos *Estudos sobre a selecção* e constituidos por homens tão ignorantes e fracos, servos da gléba na maior parte, que não se elevavam á comprehensão das instituições politicas, dos seus direitos a fazer valer, fizeram ainda peor, chegando Philippe II de Hespanha a condemnar loucamente á morte os Paizes Baixos.

Por honra da humanidade os nucleos adiantados das civilisações modernas, prestaram attenção á pena de morte, e vozes de homens cultos, clamaram contra o assassinato official, como aconteceu com a guerra e com a intolerancia religiosa. Beccaria impugnou-a como inutil, e foi seguido na Italia mesma por Carmignani, Mancini, etc na Allemanha Mittermayer, Holtzendorff etc, na França Victor Hugo, Lamartine, etc.

Travou-se então a discussão sobre a pena de morte. Os individuos em que domina a orientação naturalista a sustentam. Já Diderot dissera que é preciso destruir e não punir o

criminoso. Lombroso instaurando o naturalismo penalista e criminalista, vae buscar sua rasão de ser na selecção natural que será regressiva desde que vivam os criminosos natos, propagando ás proles as suas nefastas qualidades e no poder que tem o homem de alteral-a, eliminando esses elementos deletérios, numa selecção artificial.

E' uma solução semelhante á da eliminação da caridade proclamada por Spencer, para que esses seres incapazes de viver, não transmittam suas fraquezas á humanidade, embaraçando pela selecção assim artificial o predomínio dos fortes na selecção natural. Quem não não tem lugar no banquete da vida, diz Durkheim, não tem o direito de viver.

Outra semelhante cruesa é a eliminação dos doentes de molestias infecciosas, (syphilis, tuberculose etc), pedida por Hœckel, para que sua contaminação principalmente hereditaria não damnifique á selecção natural.

Garofalo na sua *Criminalogia* affirma-a pelo lado economico, do prejuizo do Estado no sustento dos criminosos; e o que é serio pela necessidade, desde que a criminalidade augmenta por sua abolição. Elle que despreza a acção preventiva (exemplar) da pena, dizendo que quando a pena responde ao seu verdadeiro fim da repressão, o acto reflexo da intimidação se produz sempre pela natureza das cousas sem que seja necessario preoccupar-se d'ella d'um modo particular, "acrescenta" que um poder capaz de tirar a vida a uma parte dos malfeitores pode tornar-se um motivo bastante forte para paralysar a inclinação criminosa. Em seguida assevera que na Belgica os

crimes augmentaram de 1865 a 1880 de 30 a 120 no assassinato, pela sua abolição; na França de 35 de 1878 a 1882, alem de parricidios que subiram de 8 á 14, pelas suspensões da mesma nas experiencias de Grevy; e na Italia, por não haver mais execução desde 1876 o crime tem augmentado de tal modo que com uma população egual a inglesa tem uma media annual de 3814 criminosos, enquanto na Inglaterra ella é de 300.

Felizmente Ferri na *Sociologia criminal* destaca-se do grupo nesta questão, reconhecendo a realidade da selecção natural, e a intervenção do homem na mesma (em homenagem ás leis da vida), extirpando os elementos nocivos á sua existencia, individuos antisociaes... deleterios; mas reconhece "que esta idea da selecção artificial, por verdadeira que seja sendo transportada sem precaução no dominio sociologico, dando predominio exclusivo á raça sobre o individuo e aos interesses materiaes sobre os moraes... sem o equilibrio necessario entre elles, legitimaria o uso spartano de pôr a morte individuos mal conformados, ou affectados de molestias incuraveis contagiosas;" continua dizendo que a estatistica mostra que os crimes capitaes são independentes das condemnações e execuções capitaes como se vê na Italia, onde a Toscana tem menos desses crimes que as outras provincias que entretanto admittem a pena de morte; e acaba chamando-a de panacea commoda que não dá a solução d'um problema tão complexo como o da alta criminalidade; e julga seu restabelecimiento na Italia impossivel porque pesará annualmente sobre

1500 individuos o que affectará o sentimento publico.

O criminalista brilhante da terceira escola, Prins insurge-se contra o argumento economico de Garofalo, dizendo que a economia insignificante a retirar da eliminação dos condemnados, não compensa os enormes inconvenientes da applicação da pena capital, isto é, a possibilidade de erros judiciarios, a acção desmoralisadora das penas sanguinolentas sobre as massas, a volta á um regimen repressivo cuja necessidade não é demonstrada pela historia e experiencia contemporanea; considera-a uma sobrevivencia da antiga theoria da intimidacão; e quanto ao argumento desta intimidacão accrescenta que a crueldade das penas no Oriente antigo, a ferocidade dos supplicios na idade media... tudo isto não diminuiu o numero dos crimes... nem tornou os caminhos mais seguros nesta epocha em que se penduravam os cadaveres dos bandidos nos postes das estradas; que a pena de morte não é necessaria, nem exemplar; que se é feita a execução isolada, de tempos á tempos é uma medida illogica, illusoria e vã; e se eleva-se a systema geral de execuções será a negação do progresso e da cultura moderna, em contradicção com o espirito de nossa civilisação.

Felizmente alguns Estados entre os quaes está o nosso repellem a pena de morte mostrando que essa ferocidade tradicional do homem vae desaparecendo da senda da civilisação. Taes são seguindo Prins, Toscana desde 1675, Austria 1677, Italia, Noruega, Rumania, Portugal, Hollanda, Venezuêla, Costa Rica, S. Marinho, Brasil.

Para mim a pena de morte é um attentado ao direito, á moral, á sciencia social (philosophia) e até á esthetica e á hygiene social.

E' antiesthetica porque é feia de ver-se e o Estado não deve ser uma escola da feiura.

E' antihygienica porque consterna, horrorendo os homens e adoecendo as mulheres e o Estado tem a sua medecina publica, em contradicção com isto.

E' immoral porque fêre os sentimentos de piedade e amor ao proximo, inseparaveis da natureza humana e o Estado que tem por fim conservar e desenvolver a sociedade não pode por-se em antagonismo com ella.

E' antiscientifica ou antiphilosophia (sociologia é philosophia social), porque não pune, ao contrario anima ao crime pois a electrucção norte americana é a melhor solução do problema da morte que preoccupa a muita gente; porque não intimida e antes suggere muitas vezes o delicto; e assim não exemplifica; ou ao contrario exemplifica mal, endurecendo os corações dos assistentes e diminuindo-lhes a noção do valôr da vida humana, de modo a provocarem crimes que possam terminar por ella, para que seu auctor seja admirado como um heroe popular, já que essa mentalidade curta, não lhe descobre outro processo de ascender á gloria anhelada....

E' antijuridica afinal porque o Estado pode cercear o ataque social do criminoso, encarcerando-o, banindo-o, degradando-o, transplantando-o etc; mas só isto, sem que tenha direito de tirar-lhe a vida (ou tomar-lhe a propriedade). Si tirar a vida doutrem é um crime que deve ser punido quando o auctor é

assassino por não ser forçado pelo perigo do ataque ou estado de necessidade, o Estado que mata calmamente, friamente, sem esta necessidade ou este perigo, evitado pelos outros processos de punição é o criminoso mór que precisa de punição.

A rasão desses factos que causam verdadeiro assombro á humanidade civilisada e mesmo vergonha porque alem do horrôr que inspiram, degradam o homem aquem da animalidade que dentro de cada especie não os tem, separando-se as grandes fêras apenas, por não se supportarem e em geral vivendo os animaes em grupos constituídos para a defesa contra os aggressores d'outra especie e algumas vezes para o ataque quando a lucta pela vida força-os a alimentarem-se de animaes superiores, como as maltilhas de lobos que attaccam as boiadas, a rasão desses horrores proprios do homem somente, é que a humanidade, ao contrario do que tem pensado Lombroso e seus discipulos, é na sua maior parte constituída por criminosos natos que não attingem o nivel common dos homens verdadeiramente civilisados, na intelligercia ou nos sentimentos pelo menos.

Não é difficil comprehender como persistem os selvagens primitivos, através das civilizações do mesmo modo que persistem as raças daquelles tempos, atravez da evolução.

Esse typo quasi animal, de pés enormes, sem curvatura, com *orteils* affastados ao ponto de servirem de mãos, para pegar objectos, como fazem os quadrumanos, de pernas seccas, sem barriga, joelhos concavos, ancas esvasadas, sem polpa nas nadegas, e peitos ao contrario

fortes, braços compridos, mãos grandes, umbigo alto e sobretudo rosto em fossinho pela projecção de sua parte inferior e retrahimentos da superior, quasi sem fronte, queixo e nariz principalmente que é redusido á narinas largas e grossas, abertas para a frente, e achatadas sobre enormes mandibulas, de grandes dentes, muitas vezes obliquos, e cobertos por beiços dobrados e revirados, duma grande bocca que parece dominar todo o systema physionomico do animal, esta bestialidade humana de alguns africanos e oceanicos é a persistencia do homem primitivo, d'aquelle que tem proximo a si a ascendencia animal, um tanto desviada de seus irmãos ou paes anthropoides (conforme vale a idea archigonica de Hœchel ou a de Lamarck), pela estação erecta, pêllo nas axillas e outros logares que os anthropoides não tem e ao contrario d'estes, ausencia de pêllo sobre o corpo, excepção do rosto e da cabeça, onde é abundante, e ainda pela côr preta.

Esse outro typo de formas rechonchudas, pernas curtas, braços compridos, rosto ainda feio, de fronte arredondada, nariz mediano, de narinas ainda abertas e grossas, mas ventas já obliquas, bocca tambem intermediaria, de labios ja não revirados e dobrados mas grossos, marcando uma transição do preto ao branco, com caracteres especificos das mações salientes e espaçadas, rosto largo e olhos obliquos e bridados e que se chama mongolico ou amarello é outra persistencia, de uma epocha posterior mas ainda primitiva a respeito dos sentimentos.

Si considerarmos que a maior parte da humanidade compõe-se de pretos, selvagens, de

amarelllos barbaros, de americanos (raros) e oceanicos ainda selvagens, ou barbaros não obstante muitos terem desenvolvimento physico semelhante ao europeu, concluiremos que a maior parte da humanidade é formada pelos representantes do homem primitivo, qualquer que seja a evolução intrinseca nella operada, até chegar á evolução completa do homem europeu requintada na mulher de formas esbeltas, polpudas e bellas, rosto encantadôr, pela sua ovalidade, fronte desenvolvida, nariz bem feito, bocca pequena, dentes de perolas em fios, labios elasticos e nacarados, queixo bem modelado, olhos horizontaes, bem abertos, humidos e fulgurantes, protegidos por cilios longos e sedosos, e supercilios cheios e bem arqueados, riso que é um ceu entreaberto.

E' natural que essas raças inferiores mantenham os costumes dos homens primitivos, umas, as pretas mais que outras, as *amarellas*, as *vermelhas* (americanas), as *pardas* (oceanicas), em compensação degeneradas estas numa cousa muitas vezes abaixo da selvageria que é a barbaria. A barbaria é uma degeneração da selvageria, porque conservando as mesmas crueldades, manifestas na guerra, augmentalhes as manifestações, em guerras civis e sobretudo perseguições religiosas. E' ainda uma degeneração da selvageria, porque o selvagem tem a independencia, pelo menos geralmente, a liberdade natural ligada á sua energia necessaria para subsistir na lucta pela vida; mas o barbaro tem em seu logar a mais torpe submissão ao mais nefasto absolutismo, que o reduz a uma manivella dos acontecimentos de-

terminados pelos governantes, rei e seus auxiliares.

Muitas raças brancas mantem esses costumes primitivos da selvageria, como acontece com alguns povos disseminados pelo norte da Africa, os kabylos, pela Asia, os todas, e ainos, pela Oceania, os samoanos etc e pela America, os do norte, os javarys, os guaranyes, os araucans; e ainda mais, os costumes da barbaria que lhe está mais proxima, o que acontece com todas as raças brancas da propria Europa por dois factores: a restricção da civilisação a alguns nucleos populares, das principaes cidades de cada povo, principalmente no ponto de vista sentimental; e a retardação da evolução sentimental sob a intellectual, que aggrava a primeira situação.

A restricção da civilisação é um facto. A civilisação foi uma cousa sporadica, localisada apenas em alguns pontos da humanidade, até que a imprensa recente, secundada pelos transportes oriundos da applicação do vapor e da electricidade, alargou-a. Assim entre os antigos selvagens do Oriente floresceram sporadicamente as civilisações barbaras do Egypto, da China, da India, da Persia, alem das desapparecidas de Babylonia, Assyria, Media, Israel, Phenicia e Carthago, como entre os selvagens europeus floresceram successivamente as civilisações hellena, romana e dos Estados latinos e germanos.

Ao lado desses centros de civilisação europea, o resto dos europeus persistia na selvageria de criminosos natos, isto é, de sentimentos reduzidos a quem do nivel commum dos agentes dessas civilisações, como elementos deletorios,

infeccionando os mesmos centros civilisados; e o que mais é ainda, dentro de cada centro de civilisação coexistião com os individuos adiantados em intelligencia e sentimentos outros que estacionavam principalmente nos sentimentos, puxando os evoluidos para traz como um fardo enorme que esses homens carregavam sobre os hombros.

Esta coexistencia de homens inferiores, selvagens ou barbaros persistentes, nas sociedades civilisadas de homens adiantados, já foi assignalada, sem attingir a causa que reputou o estado inculto, por Manouvrier, dizendo: As raças ou povos não chegam em bloco a um grau superior de evolução; tudo prova que o progresso se effectua lentamente e deixa atraz de si um grande numero de individuos. Todo mundo reconhecerá eu penso que existe numa raça dada um typo elevado e outro typo grosseiro. O primeiro será caracterisado por exemplo por um grande desenvolvimento do craneo em relação á face, da fronte em relação ao resto do craneo etc. O segundo por caracteres oppostos. O typo elevado se encontra mais entre os sabios, os artistas, os letrados, isto é, entre os que nasceram e desenvolveram-se num meio aperfeiçoado pelo trabalho intellectual. Porque admirar-se de achar o typo grosseiro entre os assassinos que sahem todos d'um meio inculto?

A retardação da evolução sentimental em relação á intellectual é outro facto já adquirido pela sciencia e entre nós assignalado por Tobias Barreto, que ponde dizer na sua linguagem de philosopho e poeta que o coração é um relógio que anda sempre atrasado. A razão

é ser a intelligencia progressiva, aprendendo-se facilmente, quando o cerebro está evoluido pelo menos na funcção da memoria, que é fertil nos negros adiantados, como o provam os krus, em relação ás linguas; ao passo que os sentimentos são quasi immutaveis, como sensações ou suas imagens permanentes, do individuo, e ligadas não só a conhecimentos, como a phenomenos physicos (reflexos), cujas explosões chamam-se emoções que persistem em paixões; devidos todos a predisposições hereditarias, do organismo, como são os reflexos e os instinctos, em que tem raizes profundas, que não os deixam ser arrancados ou abalados facilmente.

Só uma constante experiencia dos seus maus effeitos, uma decepção permanente que acaba por conduzir á sua repulsa, ou uma convicção elevada de sua degradação ou pelo menos da sua inferioridade a outros sentimentos que o ladeam, ou um longo habito contrario trazido pela educação domestica e mantido pela educação civica ou por um meio propicio, em synthese só um soffrimento constante, ou uma mudança completa de circumstancias mesologicas, ou um sentimento novo que faz repellir o antagonico, pode determinar um córte que de galho em galho, acaba por derribar a arvore millenar do coração humano, a não ser um espirito autoeducador, que oppõe a uma necessidade um sentimento e a um sentimento um ideal, agindo em virtude desta opposição num determinismo que é em parte sua criação.

E' essa restrição da civilisação a certos nucleos sociaes, como eram em Roma algumas familias, Fabia etc, e como foram na Grecia os

poetas, philosophos, politicos e artistas, que explica esses factos contradictorios.

Pericles conduzindo o Estado Atheniense, com os recursos do seu grande talento que lhe valeu na oratoria o nome de Olympico para uns, cercando-se de Socrates, Anaxagoras etc, e com as preferencias de seu elevado gosto esthetico que o punha em intimidade com Sophocles e Phidias e o levou a embellezar Athenas com edificios e estatuas que ainda hoje maravilham o mundo, o Grande Pericles teve contra si uma opposição politica tão baixa, tão torpe que feriu-o no que elle tinha de mais precioso, a sua bella e espirituosa Aspasia, calumniada como uma hetera, amiga de Socrates e Alcebiades, quando todos sabiam que ella era honesta e milesiana, portanto de costumes diferentes do gyneceu atheniense, gozando de liberdades compativeis com a sua dignidade, como o tirou a limpo a critica historica allemã. A mesma critica restaurou o decôro de Socrates e a puresa d'outra mulher veneravel, Sapho, victima da calunnia desses mesmos barbaros gregos que eram indignos de hombrear com as creaturas superiores dessa raça evoluida entre as mais evoluidas do mundo.

Em relação a Sapho diz Otfried Müller na *Historia da litteratura grega*: A severidade com que ella censurou a seu irmão Charaxos, por seu amor com uma hetera, Rhodopis, permite concluir-se sobre os principios que ella seguia na vida... porque si tivesse sido hetera Charaxos lhe devolveria as censuras, o que a privaria de fazel-as. Alem disso a consciencia de sua honra immaculada de moça, nascida livre e elevada com modestia, revela-se com

a mesma evidencia nos versos que se referem á ligação com Alceu, onde este diz, consciente que sua amabilidade e graça não prejudicam a sua dignidade moral: Sapho, a virgem pura de sorriso doce...

Quanto a Socrates eis o que escreve Lange na *Historia do materialismo*: Era o tempo do materialismo... que quando se tornou practico trouxe a queda dos hellenos. Socrates foi quem deu o dia á nova tendencia, que Platão marcou do sello idealista e Aristoteles, do encyclopedico pela combinação desses elementos com os empiricos... Assim o ataque ao materialismo foi iniciado por um dos homens mais respeitaveis de que a historia faz menção, d'uma originalidade e d'uma grandesa de character admiraveis, de grande energia physica e intellectual; natureza rude, tenaz, severa para comsigo mesmo, exempto de necessidades, corajoso na lucta, supportando muito bem as fadigas e quando era preciso o excesso nos banquetes de amigos, a despeito de sua temperança habitual... A sinceridade que o animava, o zelo que o devorava, davam á sua palavra maravilhosa influencia. Era um apostolo ardoroso do desejo de communicar aos concidadãos o fogo que o abrazava...

A retardação da evolução sentimental em relação á intellectual, é que explica as contradicções das revoluções, principalmente a francesa. Como é que um povo que se educa na escola do racionalismo politico de Montesquieu e Rousseau, etc, que chega á altura da comprehensão das instituições constitucionaes inglesas, durante a compressão do monarchismo absoluto, que torna-se capaz de tomar a lecção

norte americana e derribal-o, montando em seu lugar uma republica differente, unitaria, commette ao mesmo tempo iniquidade tanta, trucidando os seus melhores cidadãos, sem uma causa séria, porque não a deu o maior sabio de então no mundo, Lavoisier, nem o philosopho mathematico Condorcet, nem o astronomico Bailly, etc, e mais que isto, matando hoje para ser morto amanhã; de modo que a revolução acabou com todos os revolucionarios, como Saturno a engulir os proprios filhos?

Era a criminosidade nata, a ausencia de sentimentos dos barbaros de Paris, que Mirabeau e outros espiritos evulidos desconheciam, a causa unica dessa voragem criminal.

E' esta retardação que explica ainda a intolerancia e crueldade dos padres da egreja christã, religião de bondade, de amor e caridade, no plano do Christo e que suas paixões desnaturam, pregando crusadas exterminadoras e exterminadas, pondo-se em lucta com os Estados, Allemanha, França, Inglaterra, Italia, quando Christo a separou do Estado e sobretudo instituindo a sanguinaria Inquisição com o seu nunca visto tribunal de sangue etc.

Sou forçado pela logica a capitular ainda aqui os defensores da guerra, por mais cultos que sejam, De Maistre e Steinmetz, sobre tudo, todos os quaes não tem evoluido com os padres nos sentimentos carnicieiros que a hereditariiedade funesta lhes legou; e os maiores barbaros do sentimento são estes Atilas que armão-se por toda a vida para dar batalha ao mundo.

Alem d'esses factos de restricção da civilisação e de retardação da evolução sentimental

concorre para a persistencia do criminoso nato na humanidade atravez das civilisações, a degenerescencia humana, occorrida não só nas dynastias governantes, conforme notou Moreau e demonstrou Jacoby nos seus *Estudos sobre a selecção* como nas mesmas sociedades civilisadas, reduzindo o numero dos pioneiros do progresso que não tem então força para conter os elementos maus.

E' por isto que vemos os concidadãos de Demosthenes que outróra, pelo menos em grande parte ajudaram os espiritos superiores, Solon, Milciades, Clisthenes, Aristides, Pericles, para só fallar nos politicos, a elevar a sua patria a primeira cidade livre do mundo, entregar os destinos de Athenas ao despotismo de Philippe da Macedonia, que segundo Otfried Müller era um povo illyrio, enquanto o grande orador e patriota batia-se pela sua integridade e independencia, que por um momento só conseguiu, levantando a alma dos compatriotas, mas teve que suicidar-se para escapar a Antipatros como seu emulo Isocrates fizera antes para não ver a desgraça de sua patria porque trabalhara a serviço de Philippe.

E assim por diante. Sempre a persistencia da selvageria ou da barbaria a enrodilhar e abater as civilisações. Em Roma os elementos deleterios reunidos e propellidos por Mario e Sylla, dois degenerados, cercam Octavio um traidor que entrega Cicero, o homemaquem chamava pae, a Antonio, o inimigo que manda tirar-lhe a cabeça para o odio de sua mulher ter o prazer de picar-lhe a lingua, e monta a custo de muito sangue, o regimen imperialista do despotismo e da devassidão maior que teve

a Europa porque sua liteira, no dizer de Jacoby, ia toda noite á porta d'uma matrona que sahia deixando aos prantos da familia e á magua do marido (inclusive Mecenas o seu auxiliar), a lembrança da sua honra decahida!

A quêda de Roma não foi devido á falta de potassium e ferro como escreveu Liebig, mas á cooperação estrangeira, dos homens a quem faltavam os sentimentos romanos, que se avantajavam numas cousas mas corrompiam em outras, e principalmente vingavam-se da humilhação infligida pelas derrotas dos tormentos por que passavam na escravidão, addicionado á desnecessidade da energia que montara o Estado, á moleza voluptuosa dos confortos exagerados pela riqueza accumulada pelas victorias, e ás circumstancias economicas que arruinaram a pequena propriedade que era a base do patriotismo. Enquanto o systema não foi de escravisar o inimigo ou as victorias não abarrotaram Roma de escravos, os estrangeiros mais ou menos finos, do trafego commercial foram antes um incentivo ao desenvolvimento social e politico, a condição primordial do *jus gentium*, pois o *jus quiritarium* era a mesma cousa que o direito de todos os mais povos desses tempos, tanto que para satisfazer á exigencia da lei escripta pela *plebs*, os decemviros foram á Grecia formular as *Doze Taboas*.

O *jus gentium* foi a modificação do direito nacional, do *jus quiritarium* já ampliado pelas necessidades proprias, em *jus civium romanorum*, pelo direito commum aos estrangeiros, que commerciavam em Roma, operado pelos pretores para poderem elles ter garantias e ex-

ercitar o commercio que dilatado como estava não podia ser regulado pela instituição da hospedagem.

Quando os estrangeiros encheram a cidade como escravos e depois como libertos e entraram assim na politica, sua influencia então nefasta de mãos dadas com outras condições más aluíram a republica.

Ficaram porem espiritos superiores attestando que a nobresa dos sentimentos é rara nas sociedades degeneradas, mas persiste sempre, como uma corrente inaccessivel á corrupção e perpetuadora da especie, ao lado da qual cresce parallelamente, conforme á idea de Dufour, a corrente da dissolução: E' o tempo em que Thraseas conspira contra Nero e é obrigado a morrer abrindo as veias, Petus seu genro conspira contra Claudio e condemnado vacilla mas reanima-se e crava em si o punhal, á vista do exemplo dado pela heroína esposa, Arria, estendendo-lhe o punhal e dizendo: *Pete, non dolet, etc.*

O advento dos governos germanos levantou o character dos europeus, porque esses povos eram ferozes mas não degenerados, monarcas como os hellenos e romanos, e mais do que elles estimavam suas mulheres companheiras de batalhas e de banquetes. Foi sem duvida a persistencia destes sentimentos germanos pela mulher que determinou a irrupção do cavalleirismo medieval, que deu ao homem o sentimento do valor e da dignidade pessoal e á mulher desses tempos um momento de compensação ás suas vidas de sacrificios, no gynecceu dos castellos e seus arremedos, vendo-se transformada em rainha de côrtes de trovado-

res e cavalleiros, como foram as Côrtes provinciaes de amor, etc.

Talvez influa nesses phenomenos um outro facto que julgo delicado, o apparecimento dos sentimentos elevados no homem. Não concordo com Romanes attribuindo na *Evolução mental nos animaes* sentimentos e emoções a estes seres. Seus compatriotas mesmos Lloyd Morgan (*Vida e intelligencia animal*) e Thorndike (*Intelligencia animal*) restringem essa attribuição. O sentimento é uma sensação ou imagem persistente, relacionada com certos phenomenos physicos que podem se elevar até a emoção que persiste como paixão, mas também relacionada com a intelligencia nas imagens e no caso das sensações com percepções ou os juizos, montados muitas vezes por laboriosos raciocinios. Está visto que os ultimos não tem os animaes. Mesmo porem os da percepção não existem nos animaes por impossibilidade, desde que o instincto absorve toda sua vida psychica. E' ao instincto que se ligam phenomenos similares das nossas emoções.

O mesmo quasi dá-se com os selvagens. Quando seus instinctos de conservação não são muito aguçados por uma terrivel lucta pela vida é possível que dominem os de reproducção (conservação da especie), dando logar a phenomenos que parecem sentimentos elevados, como a doce harmonia occorrida entre os varios maridos duma só mulher do Thibet. Por mais que os snrs. naturalistas se esforcem não me convencem que os selvagens matem os paes decrepitos e os comam por amor, como matam e comem os inimigos; mas sim vejo nisto um abuso da fraquesa da velhice até pelos pro-

prios filhos que por estarem proximos são os primeiros a attacar os paes, o que fez costume.

Para Ihering o que differenciou o europeu civilisado do asiatico barbaro foi a instituição da monogamia, no que convenho *siat in quantum*. Discordamos porem sobre a causa da monogamia europea. Na sua obra dos *Indoeuropeus antes da historia* pensa este jurisperito que a monogamia veio da emigração desses povos e consequente difficuldade da defesa de mais d'uma mulher e seus filhos por cada homem. Não é verdade isto porque ha emigração sem monogamia, desde as occorridas na Africa, dos boschimans para o sul, dos zulús e outros cafres para as suas terras então abandonadas, dos dahomeyanos para o oeste, dos peuls para o mesmo ponto cardinal, um tanto mais ao norte etc. Na Asia então até bem pouco tempo houve a grande emigração dos mandchus para o norte da China, alem das emigrações dos proprios arianos que são polygamos: indus e persas. A Oceania teve segundo Quatrefages diversas emigrações recentes e difficeis de ser realisadas, pela agua, mas conhecidas ainda hoje.

Talvez se pretenda fundar a monogamia na escassez das mulheres por infanticidios que são usuaes entre os selvagens; mas a rasão mesma destroe o principio: os selvagens que praticam o infanticidio terminam pela polyandria ou promiscuidade de qualquer especie.

O processo gerador da monogamia europea deve ser este que vae produzindo a monogamia dos tuaregs. Este povo que não faz caso de virgindade da mulher que antes de casar tem de indemnisar ao pae do que cus-

tou-lhe na vida por meio do commercio de seus attractivos, vae-se tornando monogamo por força da mesma mulher que depois de casada não admitte divisão e divorcia-se si a suspeita, tendo para isto a intelligencia avisada, porque as damas *targuis* só se occupam de ler, escrever, bordar, fazer musica e montar em dromedarios.

Só ha para mim uma explicação possível d'essa monogamia europea, que é o nascimento do amor; e outra deste sentimento que é a belleza da mulher, só occorrida nessas raças brancas, formadas nas regiões frias da Europa. Em face da mulher verdadeiramente bella, de têz alva e rosada, cabellos sedosos, ondulados, abundantes e quiçá cheirosos, physionomia correcta, olhos encantadores, fascinadores, entontecedores, sorriso que é um ceu aberto, sobre uma carnação appetitosa de polpa de fructo, talhe esbelto, porte elegante, o selvagem habituado ao dominio da mulher comprada ou raptada e sempre escravizada, para suas funcções de reproducção e até de conservação nos serviços domesticos, amou, enterneceu-se e humilhou-se ante a sua realesa natural, sujeitando-se ás suas exigencias, que por hereditariedade animal, ou por imitação do homem podem ter sido ciumes determinadores da monogamia. Nos tuaregs as mulheres estão operando a monogamia pelos divorcios.

Deu-se a reciproca pelo ciume do homem que foi a honestidade da mulher. Ja uma vez escrevi: Não tenho duvida sobre a origem familiar da moralidade. Os selvagens não a tem, como prova o seu despudôr conhecido (ao contrario do que diz Ratzel). Foi a superioridade

dade physica do homem sobre a mulher, que em combinação com o ciume, forçaram-a á reclusão nos gynceus (grego, medieval) e acabaram por lhe dar o pudôr oriundo da segregação, como é prova hoje o acanhamento das nossas matutas, e por elevar o instincto animal da maternidade até ao grao supremo do amor materno, como acontece com a affeição dos presos actuaes pelos insectos que vivem nas paredes de suas cellulas. Pois bem, foi o pudôr feminil que encheu a mulher de encantos, occultando ao homem o desconhecido, engrossando-lhe de curiosidade os sentimentos, e enchendo-o da satisfação de ser o unico a desvendar esses mysterios, em função do seu desmedido ciume; o que desmaterialisou-o de sua rudêz primitiva, e naturalmente forçou-o a vestir-se, alem do que exigem as intemperies climatericas, para não ruborisa-la a cada momento. Foi o amor materno, porem, o factor primordial das civilisações, não só porque privas mães de partos tornados dolorosissimos, pela vida sedentaria, de espesinhar os filhos no momento em que elles acabam de dilacerar as suas entranhas, e ao contrario leva-as a espectral-os com enxovaes deliciosos, expressão de carinhos antecipados, como porque foi a mulher que communicou pelo exemplo ao homem o amor paterno, como acontece nos animaes superiores, com a propagação do instincto materno geral das femeas aos machos de algumas especies. Foram esses affectos que tornados habituaes formaram uma segunda natureza do homem, forte da fraternidade e do patriotismo como foi o ambiente amoroso da familia que gerou o amor filial; e tudo isto, esta nova na-

tureza humana requintada de affectos, terminou por transformar a familia d'uma senzala onde reinava a escravidão da mulher pelo homem com a reciproca do odio e da hypochrisia, em um lar de affectos, onde infelizmente as exigencias do poder marital, acabam sempre por quebrar a egualdade que é a condição do amor. Martenhamos pois com todo o desvêlo a familia, esse ambiente especifico da mulher. E' ella que a faz timida, incapaz de dormir só, inhabil, para manejar o punhal, e assim submissa á sua sacra reclusão, esta fonte de seu pudôr e de seu amor materno. Sem a reclusão a mulher só teve na selvageria, em virtude de sua inferioridade physica, devida ás crises do seu organismo gestador, a escravidão e a hypochrisia que lhe disfarçava o odio a seu eterno inimigo.

Essa reclusão, é preciso dizer para a verdadeira comprehensão, não é exclusiva aos gyneceus, porque muitos povos não o tiveram como os romanos e os germanos e outros que o tem, os indus e os persas não attingem nada disto, sendo da mesma raça e tendo a mulher bella, porque o meio internacional atrophia, puxa para a polygamia e até para a polyandria e a promiscuidade.

Na Grecia dos pelasgos, depois dos jonios e em seguida dos dorios, successivas emigrações dos hellenos segundo Otfried Müller, tinha a mulher liberdade de cultura etc, compativel com a sua dignidade, no dizer do mesmo auctor. Só nos athenienses (jonios) ella entrou para os gyneceus por força da lucta das raças ou das agitações politicas que foram a causa da calunnia levantada contra Aspasia e

Sappho que não viviam nelle. Portanto a reclusão era a vida em familia, o limite imposto á sua liberdade de não manchar a sua reputação etc.

Nos romanos então, Aulo Gelle e Valerio Maximo affirmam que durante cinco seculos foi o divorcio cousa desconhecida e Ithering nos mostra como a mulher era respeitada nesse povo grave, cheio de tantas energias que causa espanto a sua quédá. Nenhum povo do mundo diz elle no *Espirito do direito romano*, deu-lhe um lugar tão honroso na sociedade, nem mesmo os gregos. A mulher não era só egual ao homem sob a relação social... gosava mesmo d'um respeito maior, era-lhe superior. O lictor só se desviava para ella passar. Um censôr expulsou do senado a um senador por abraçar a mulher em presença da propria filha. Exigiam d'ella a pureza moral e a virtude immaculada a tal ponto que Virginius matou a filha que já não a possuia. Levantaram-lhe estatuas. Compareciam ás festas. Eram convocadas e deliberavam. Todo grande facto romano está ligado a uma mulher: Sabinas, Lucrecia, Virginia, mãe dos Gracchos, a de Coriolano etc.

Quanto aos germanos, onde a sua incapacidade era eterna porque vinha da impotencia para carregar armas, Paulo Gide na *Condição privada da mulher*, diz que não obstante serem vendidas, dadas, mortas pelo marido, seu adulterio punido com o mais ignominioso supplicio, enterrada viva etc eram companheiras do marido, tinham um patrimonio e seus parentes vingavam-se do abandono em que elle a deixasse exigindo uma composição que

augmentava o dote; que segundo os Sagas ellas assistiam aos banquetes ao lado dos homens, enchendo as taças, presidindo aos festins, recebendo os hospedes e os levando á mesa. Sua influencia era tal que numa infelicidade das armas, um rei chamou-as ao campo de batalha para reaccender a coragem dos seus guerreiros arreliados. Tacito diz que havia ali um enthusiasmo pela mulher que era uma especie de culto.

Só ha uma difficuldade para a admissão consciante desta idea que é a mulher chegar á belleza na Kabylia da Africa, na Cachemira e nos contrafortes do Hymalaia com os todas e não haver ali monogamia effeito da mesologia.

Foi a belleza da mulher europea que gerou no homem o amor, foi este amor então reciproco e ciumento que produziu a monogamia, foi esta vida de cuidados e carinhos reciprocos que trouxe o amor paterno, o filial e o fraterno, foi esta natureza amorosa do homem e especialmente da mulher de character affectivo, ao contrario do que pensão Lombroso, Ferri, etc, devido ao seu isolamento, ás relações exclusivas com os filhos, que então enchem-lhe a vida, e á fraquesa da mesma nas mais funcções, intelligencia e actividade, que concentra as descargas nervosas no sentimento, que determinou o apparecimento do altruismo, em suas modalidades, tolerancia, benevolencia, piedade, cuidado, amor ao proximo, esse enigma que Spinoza decifrou como uma transformação, do egoismo e que foi desenvolvido por Hartley, James, e Stuart Mill, e applicado por Ihering na *Evolução do direito*, como o requinte do egoismo, onde por amor do conceito dos homens

sobre si o individuo sacrifica o amor proprio e o interesse que está ligado.

Sobre o amor tem se produzido theorias exaggeradas:

A do phenomeno cellular de Delboeuf, como si cellulas ovulares etc tivessem sentimentos, ideas a que elles se ligam etc e não puros phenomenos chimicos assignalados por Pfeffer, Maupas e Verworn.

A do phenomeno morbido de outros, entre os quaes Dallemagne, considerando-o manifestação da subpersonalidade inconsciente, directora da personalidade consciente, quando tudo chama o par amoroso para a sombra, na phrase de Castro Alves.

A do principio de conservação da especie, que para isto sacrifica o individuo no conceito de Schopenhauer que por isto préga a revolta contra o mesmo, como se amor fosse só instincto sexual que aliás é puramente individual e creador da especie apenas.

O instincto sexual é simplesmente sua base pois segundo Höffding, o sentimento do amor tem sobretudo nos seus primeiros clarões, um character mysterioso, devido ao despertar de instinctos organicos incomprehendidos, e a sua influencia sobre o sentimento vital e sobre a imaginação.... Na epocha da puberdade, ao mesmo tempo que os organs sexuaes attingem sua maturidade, despertam-se em nós sentimentos e desejos vagos e um appetite obscuro impelle o individuo sem que elle o explique bem a não se encerrar mais em sua personalidade.

Resta uma cousa apenas, é transformar esse instincto sexual commum a todas as raças

no amor que sobre elle se desenvolve e que é especial ás raças finas, delicadas na mulher, intelligentes e fortes no homem, as europeas arianas.

Foi essa vida amorosa que deu origem a moral. Ella aponta em Homero, na paixão de Páris pela bella Hellena diante de cuja belleza os velhos a perdoam; na fidelidade de Penelope, no amor conjugal e paterno de Ulysses que por elles deixa a nympha Caliope.

Em conclusão a sociedade é um oceano de crimes formado pelos costumes da selvageria primitiva, desse tempo em que o homem accumulava todos os instinctos ferozes da animalidade ou mesmo os desenvolvia pelos recursos novos de sua intelligencia e aptidões erectas, servida por pés e mãos; tendo este oceano aqui e ali ilhas de moralidade surgente pela raça e clima que a desenvolveu, apoz a idade já recente da barbaria: e assim o crime tem sido o ambiente social em todas as suas formas, guerra, perseguição religiosa, despotismo, escravidão, hostilidade ao estrangeiro, sujeição da mulher, crime propriamente dicto e pena de morte. A vida disse Schopenhauer, é uma caça incessante, onde ora caçadores ora caçados, os seres disputam os pedaços d'uma horrivel carnificina; uma guerra de todos contra todos, uma sorte de historia natural da dôr!! E' o *bellum omnium contra omnes* de Hobbes onde *homo homini lupus*. Está confirmada a idea pela sciencia, pois Darwin elevou a lucta pela vida á altura do factor social, como condição da selecção natural. Não ha excepção possível, a não ser sporadicamente nas ilhas de moralisação. E' de Quatrefages o profundo e

ponderado auctor da *Especie humana* o texto que se segue: No ponto de vista do respeito á vida humana, a raça branca, europea, nada tem que censurar ás mais barbaras. Que ella faça uma volta sobre sua propria historia e se lembre de alguma dessas guerras, dessas jornadas escriptas em lettras de sangue nos seus proprios annaes. Que ella não esqueça sobretudo, sua conducta para com suas irmãs inferiores. O despovoamento assignala cada um de seus passos em torno do mundo; os massacres commettidos a sangue frio, e muitas vezes como um jogo; as caçadas ao homem organisadas a modo das caçadas aos animaes ferozes; as populações inteiras exterminadas para dar o lugar aos colonos europeus; e será bem preciso que ella confesse que si o respeito da vida humana é uma lei moral e universal, nenhuma raça a tem violado mais e dum modo mais terrivel que ella.

O criminoso é um individuo que não evoluiu, que persiste como era na selvageria primitiva, mantido até á barbaria actual, portanto na que precedeu aos povos de civilisação europea, atropellando com os seus ataques successivos aos evoluidos, aos individuos que pela belleza da mulher, e pelo amor consequente, achando-se em boas condições, de sólo e de clima e de vicissitudes sociaes, se entregaram á vida da familia, vivendo do trabalho (espanta a producção scientifica de Aristoteles e consta que fora equivalente a de Democrito etc), repousando á noite, enchendo a mulher de pudôr e honestidade e cercando-se o homem do decôr e do cavalleirismo, um para ser digno do outro, tudo o que fixado pela hereditariedade

constitue a moral; mas restrictamente, em especies de ilhas de civilisação e moralidade no oceano da criminosidade nata, cujas ondas estão sempre a açoitar-lhes os flancos.

Naturalmente o criminoso tem gradações, porque na vicissitude immensa da vida das raças, emigradas por entre outras, submettidas ás suas conquistas, cruzadas pelo rapto, ou compra da mulher, como fazem os turcos com as hellenas, persas e caucasianas, que os tem aformoseado etc, não ha raça pura, que mantenha os caracteres primitivos em sua plenitude, principalmente nos centros populosos; portanto o caracter criminoso das raças barbaras (que é o que basta), deve ter soffrido modificações, insignificantes, porque no aspecto do crime todos se equivalem; mas estas modificações devem ser importantes nas civilisadas, conservando os individuos mais estacionarios a criminosidade quasi intacta, reduzindo os mais progressivos a criminosidade a vestigios, e a zero e havendo classes intermediarias.

Por outro lado as acções dos factores da civilisação não são uniformes: a belleza da mulher, o amor consequente, a fertilidade do sólo, a facilidade das viações (mares e rios), a configuração do sólo (costas da Grecia), as vicissitudes sociaes, da cooperação pacifica das raças superiores da Grecia, da fraquesa dos nobres e sua ligação com os municipales da Inglaterra contra a realesa forte pelas conquistas normandas e dinamarquesas, e as energias individuaes applicadas ás materias da intelligencia (philosophos e sabios), dos sentimentos (artistas e litteratos), da vontade (politicos e industriaes). Addicione-se a isto a va-

riedade da união dos elementos fortes e fracos pelo cruzamento e a accumulção dos mesmos na prôle pela hereditariedade caprichosa, muitas vezes continua mas também atavica, com predominio ora d'um ora d'outro sexo, e ver-se-á que umas vezes a geração melhora em individuos adiantados, que excluem d'uma vez os instinctos perversos, as tendencias criminosas, e outras vezes peiora em individuos estacionarios que não aproveitam os sentimentos nobres já apontados em seus paes; havendo naturalmente intermediarios que ora ficam em estados neutros, de pura inercia sentimental, para aproveitar a idea de Ferri, que é seductora, como criminosos de occasião, ora accumulam as duas hereditariedades boa e ruim, que é para mim a explicação do criminoso passional, que adora a imagem que queimou, mata a mulher que amou, como era o príncipe de Condé, Francisco Luiz, cujo valor embarçou a pretensão de Luiz XV ao throno da Polonia, mas na vida intima, era desigual e phantastico tendo pela esposa Maria Theresa de Bourbon, ora um odio de querer mata-la ora um amor que não a deixava affastar-se um instante de si.

Não tenho duvida existe o criminoso nato, em suas tres variedades o feroz, o occasional e o passional, além do louco, que é um doente. O habitual é o mesmo feroz (nato usual) que começou brandamente, e não uma classe. Já assim pensou Lombroso.

Todos elles talvez e não só o feroz tem um typo representativo da sua criminalidade e que é uma persistencia do que tinham as raças no

tempo da barbaria, conservado pelas raças amarellas actuaes. São assim barbaros persistentes na civilisação.

LAURINDO LEÃO.

